



Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Perceções de Bem-Estar em Crianças e Famílias: um olhar intra e
inter geracional

Raquel Alexandra Marques Gonçalves

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientador(a):
Doutora Joana Celeste Dias Alexandre, Professora Auxiliar, ISCTE – Instituto Universitário de
Lisboa

Outubro, 2015

Agradecimentos

No decorrer da realização deste trabalho muitos foram os desafios. A perseverança e o ultrapassar desses obstáculos, não teriam acontecido sem a minha orientadora Professora Doutora Joana Alexandre, a quem agradeço pela partilha de ideias e conhecimento, pela disponibilidade e flexibilidade, e pelo desafio.

Em segundo lugar gostaria de agradecer ao Psicólogo Saline, coordenador do Programa Escolhas da Quinta do Mocho, um programa inserido no Projeto Esperança, pela ajuda na procura e acesso às famílias que participaram neste estudo. E ao Camilo, presidente da Associação Unida e Cultural da Quinta do Mocho pela ajuda no contato com o Programa Escolhas.

Quero agradecer também à minha orientadora de estágio, Psicóloga Suely Galvão pela sua prestabilidade, e pela ajuda no recrutamento de famílias para o presente estudo.

Antes de mais o meu muito obrigado também a todas as famílias que aceitaram participar no estudo, pela simpatia, alegria e disponibilidade com que partilharam um pouco do seu tempo e abriram a sua vida.

Agradeço ao meu pai, por ter sempre lutado e apostado em mim, e nunca me ter deixado desistir ao longo da minha formação, por todo o apoio e amizade, e pelo financiamento da minha formação académica.

À minha irmã, pelo apoio, ajuda, e incentivo que sempre me ofereceu ao longo do mestrado e também da licenciatura.

Ao Carlos pelo apoio e ajuda em tudo o que pode, e por saber esperar quando o tempo era pouco, pelo sorriso e bom humor quase constantes.

À minha filha, por ser o incentivo, e o motivo pelo qual quis sempre muito ir mais longe, para que ela possa ter e ser sempre o melhor possível.

À restante família (em especial e minha mãe), e amigos (em especial à minha grande amiga Ângela – obrigada pela ajuda final!), pelo incentivo, por acreditarem e por me obrigarem a atingir sempre o nível mais acima.

Por fim quero dedicar este trabalho à minha filha, ao meu pai, à minha irmã, e ao Carlos.

Resumo

O bem-estar subjetivo tem sido largamente estudado com população adulta e estudos mais recentes têm procurado analisar este conceito com crianças e adolescentes. A pesquisa tem-se socorrido preferencialmente de metodologias quantitativas e são vários os estudos internacionais a este respeito (ex., ISCWeB), que visam influenciar os decisores políticos em matéria de melhorar as condições de vida das populações. Porque o desenvolvimento humano ocorre num processo de constantes interações (Bronfenbrenner & Morris, 1998), o presente estudo visa complementar a pesquisa existente nesta área ao pretender aceder às percepções de bem-estar subjetivo, e mais concretamente, aos significados atribuídos a este conceito, mas numa perspectiva intra e intergeracional. Para tal, foram entrevistados, individualmente, elementos de oito famílias: oito crianças com idades compreendidas entre os oito e os 12 anos, sete pais, e seis avós. Os resultados demonstram a existência de padrões geracionais e intergeracionais. Mais concretamente, a família assume uma importância central para as três gerações, sendo percebida como fonte de suporte emocional e instrumental. Para além deste microsistema, a escola, para as crianças, e o trabalho, para as duas gerações de adultos, surge como o segundo contexto mais expressivo. O uso do tempo livre é um domínio comum nas entrevistas às crianças e aos seus pais/mães, e o domínio da saúde emerge na geração dos avós. O bem-estar aparece sobretudo numa perspectiva relacional e afetiva nas três gerações.

Este estudo veio contribuir para uma análise mais aprofundada sobre o conceito de bem-estar subjetivo procurando mapear os significados que estão associados a alguns dos seus domínios e para diferentes gerações.

Palavras-chave: Bem-estar subjetivo; crianças; famílias; transmissão geracional

Domínio científico: 3365- Promoção e Manutenção da Saúde e Bem-estar; 2950 Casamento e Família

Abstract

The subjective well-being has been widely studied in adults and more recent studies have tried to analyze this concept with children and adolescents. The research has been used preferably quantitative methodologies, and there are several international studies in this regard (ex., ISCWEB), which aim to influence policy-makers to improve the living conditions of the population. Since human development is a process of constant interactions (Bronfenbrenner & Morris, 1998), this study aims to complement the existing research in this area to want to access the perceptions of subjective well-being, and more specifically, the meanings attributed to this concept, in a intra and intergenerational perspective. To this purpose, were interviewed, individually, elements of eight families: eight children aged between eight and 12 years, seven parents, and six grandparents. The results demonstrate the existence of generational and intergenerational patterns. In particular, the family is of central importance for three generations, being perceived as a source of emotional and instrumental support. Apart from this microsystem, the school for children, and work, for two generations of adults, emerges as the second most significant context. The use of free time is a common rule in interviews with children and their parents and the health domain emerges in the generation of grandparents. The well-being appears especially in a relational and affective perspective in three generations.

This study has contributed to a deeper analysis of the concept of subjective well-being seeking to map the meanings that are associated with some of their domains and for different generations.

Keywords: Subjective well-being; children; families; generational transmission

Scientific field: 3365- Promotion & Maintenance of Health & Wellness; 2950 Marriage & Family

Índice

	Página
Agradecimentos	III
Resumo	V
Abstract	VI
Índice	VII
Índice de Quadros	IX
Índice de Figuras	X
Glossário de Siglas	XI
Introdução	1
Capítulo I – Revisão de Literatura.....	3
1. 1. O conceito de bem-estar.....	3
1.2 Bem-estar subjetivo.....	3
1.3. Bem-estar em crianças e adolescentes	5
1.4. A medição do bem-estar.....	8
1.5. Determinantes do bem-estar subjetivo.....	10
1.6. Conceito de família.....	13
1.7. Transmissão intergeracional.....	15
1.8. Objetivos.....	17
Capítulo II – Método.....	19
2.1. Participantes.....	19
2.2. Metodologia e Instrumento.....	20
2.3. Procedimento de recolha de dados.....	21
2.4. Procedimento de análise de dados.....	21
III – Resultados.....	25
IV – Discussão.....	33
Bibliografia.....	41
Anexos.....	51
Anexo A - Dicionário de Categorias Geração Crianças.....	51
Anexo B - . Dicionário de Categorias Geração Pais.....	59
Anexo C - Dicionário de Categorias Geração Avós.....	67
Anexo D - Tabela de distribuição das unidades de registo por tema e subtema – Geração Crianças.....	73
Anexo E - Tabela de distribuição das unidades de registo por tema e subtema – Geração Pais.....	75
Anexo F - Tabela de distribuição das unidades de registo por tema e subtema – Geração Avós.....	77

PERCEÇÕES DE BEM-ESTAR SUBJETIVO EM CRIANÇAS E FAMÍLIAS

Anexo G - Tabela de distribuição do total das UR pelos temas em cada uma gerações.....	79
Anexo H - Consentimento informado – Crianças.....	81
Anexo I - Consentimento informado – Pais.....	83

Índice de Quadros

	Página
Quadro 1.1: <i>Modelo hierárquico de felicidade adaptado de Diener et al. (2003).....</i>	4
Quadro 3.1: <i>Distribuição das UR por gerações nos temas mais relevantes.....</i>	32

Índice de Figuras

	Página
Figura 3.1: <i>Principais domínios e componentes de bem-estar subjetivo emergentes</i>	25

Glossário

C

Corpus - conjunto de frases ou palavras que servem como unidade de análise

F

F – Frequência: número de vezes em que o tema é mencionado.

I

ISCWeB - International Survey of Children's Well-Being

N

N – Número de entrevistas em que o tema é mencionado.

O

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento económico

P

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

Programa Escolhas - programa governamental de âmbito nacional, criado em 2001, promovido pela Presidência do Conselho de Ministros e integrado no Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural – ACIDI, IP, cuja missão é promover a inclusão social de crianças e jovens de contextos socioeconómicos vulneráveis, visando a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social.

U

UNICEF – United Nations Children's Fund – Fundo das Nações Unidas para a Infância

W

W - World Health Organization

Introdução

O bem-estar é um tema que tem merecido particular interesse por parte dos investigadores. Até finais da década de 50, era conceptualizado sobretudo de uma forma mais objetiva, associada a bens e rendimentos, visto pensar-se que este dependeria, sobretudo, deste tipo de indicadores (Galinha e Ribeiro, 2005). No entanto, à medida que se foi constatando que o aumento dos recursos económicos não se refletia exatamente num aumento da felicidade (Diener e Seligman, 2004), verificou-se uma alteração na direção das pesquisas neste campo, para o campo do bem-estar subjetivo, mais relacionado a avaliação que a pessoa faz da sua vida (Felce e Perry, 1995).

O bem-estar subjetivo pode, assim, ser entendido, de uma perspetiva mais hedónica, como um conceito que engloba uma componente cognitiva de satisfação com a vida e uma componente afetiva, relacionada com a presença de emoções positivas e a ausência de emoções negativas (Diener e Lucas, 1999). Da perspetiva eudaimónica este conceito apresenta como principais características o significado, o crescimento, e a autorrealização (Soraker, Rijt, Boer, Wong e Brey, 2015).

A pesquisa tem enfatizado que uma percepção de bem-estar subjetivo positiva está associada a um conjunto de aspetos positivos nos adultos e nas crianças, incluindo-se uma saúde mais forte (menor probabilidade de doença mental), uma maior longevidade, uma maior criatividade e produtividade, relações interpessoais mais positivas e uma maior resiliência (Holder, 2012; Richards e Huppert, 2011).

Ao longo das últimas décadas são várias as organizações que têm procurado analisar o bem-estar subjetivo em diferentes países, por exemplo a OCDE, através dos seus relatórios (2011; 2013), a UNICEF (2006;2013), ou a WHO (2015). Apesar da relevância deste tipo de pesquisa, dado procurarem influenciar os decisores políticos sobre estratégias em torno de condições e qualidade de vida das populações, (Statham e Chase, 2010; Stiglitz, Sen e Fitoussi, 2010), e a nível académico permitirem uma maior compreensão da sociedade e do ser humano (OECD, 2013), importa complementá-los com uma análise mais aprofundada e, neste sentido, qualitativa, que procure aceder aos significados subjacentes ao próprio conceito de bem-estar.

A família constitui-se como um contexto privilegiado no qual se desenrola o desenvolvimento da criança, tendo, assim, influência no seu próprio bem-estar (ver Fernandes, Mendes e Teixeira, 2013; Bronfenbrenner e Morris, 1998). Com base no modelo de Bronfenbrenner (1977; ver também Bronfenbrenner e Morris, 1998), é possível compreendermos as bases que definem as dimensões relevantes para o bem-estar infantil. O microsistema é o nível com maior impacto na criança, visto ser onde a mesma passa mais tempo e interage mais (Brandshaw, Hoelscher, e Richardson, 2006). A existência de dinâmicas inter e intra geracionais neste contexto conduz-nos à questão de analisar em que medida esta vivência se faz sentir nos significados atribuídos ao bem-estar.

O presente estudo pretende, assim, analisar o bem-estar subjetivo numa perspectiva intra e intergeracional. As gerações vivem num mesmo tempo, mas compreendem-no de forma subjetiva e qualitativamente diferente (Borges e Magalhães, 2011) o que poderá contribuir para uma compreensão mais detalhada sobre o conceito de bem-estar subjetivo. Até onde temos conhecimento, esta questão constitui-se como inovadora neste campo de pesquisa, dado não existirem estudos publicados que analisem este conceito de um ponto de vista sistémico.

O presente trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo corresponde à revisão de literatura efetuada, focada sobretudo no conceito de bem-estar subjetivo em adultos e crianças, no conceito de família, nos conceitos de geração e de transmissão geracional. O segundo capítulo apresenta a metodologia utilizada (participantes, instrumento, procedimento de recolha e de análise). O terceiro capítulo descreve os resultados encontrados. E, por fim, no quarto capítulo, procede-se a uma discussão desses mesmos resultados à luz da teoria existente no campo relativamente a este tema, à apresentação de algumas limitações do estudo, bem como de sugestões para estudos futuros.

I - Revisão de literatura

1.1 O conceito de bem-estar

O domínio de investigação acerca do bem-estar apresenta duas abordagens que se organizam em torno de dois modelos. O primeiro modelo, emergente em finais da década de 50 do século XX (Land, 1975), remete para o bem-estar subjetivo, que tem em Diener um dos seus principais investigadores (Novo, 2003), e está maioritariamente ligado à perspectiva hedónica do bem-estar, que se baseia na experiência de sentimentos de prazer, afecto positivo, e ausência de afecto negativo no dia-a-dia (Ryan e Deci, 2001). O conceito de bem-estar subjetivo encontra-se associado ao hedonismo, que provém da palavra grega “hedonê”, que significa prazer; esta corrente filosófica defende a maximização do prazer, e a minimização da dor, ou seja, a felicidade com fruto dos momentos de prazer experienciados pelo indivíduo (Diener, Lucas, e Oishi, 2002; Ryan e Deci, 2001).

A outra abordagem teórica foca-se no bem-estar psicológico, mais relacionado com uma perspectiva eudaimónica, que consiste numa procura geral de felicidade, focado no que o indivíduo está a fazer ou a pensar, e não no que está a sentir. Ou seja, a dor e o prazer relacionados com o atingir de um objetivo (Nakamura e Csikszentmihalyi, 2002; Waterman., Schwartz e Conti, 2008). O eudemonismo provém da palavra grega “daimon”, que significa o “eu”, ou “self”, sendo que já Aristóteles defendia que o indivíduo procura viver com o seu verdadeiro “eu”, procurando um significado para a vida (Íñigo, 1998). O bem-estar psicológico surge, sensivelmente, na década de 80 relacionado com a superação de desafios, e outras dimensões psicológicas como relações positivas, autoaceitação, domínio do meio, autonomia, propósito de vida e crescimento pessoal (Ryff, 1989).

1.2. Bem-estar subjetivo

Tal como referido anteriormente, o conceito de bem-estar subjetivo surge na década de 50 do século XX, em que se procuravam indicadores de qualidade de vida que permitissem ajudar a avaliar a implementação de políticas sociais. Alguns autores como Andrews e Withey (1976) ou Campbell, Converse e Rodgers (1976) postularam que apesar das pessoas viverem em ambientes objetivamente definidos, assume particular importância a resposta subjetiva aos mesmos, o que fez com que o bem-estar passasse a não estar apenas ligado a indicadores económicos (ver Siqueira e Padovam, 2008).

O conceito de bem-estar subjetivo, central para o presente estudo, pode ser considerado um conceito multifacetado, que inclui uma dimensão cognitiva e afectiva (Rees, Goswami, e Bradshaw, 2010). Nesta linha, Diener, Scollon e Lucas (2003), por exemplo, definem bem-estar subjetivo como a forma como o indivíduo avalia a sua vida, incluindo dimensões como a satisfação com a vida e satisfação com diversos domínios contextuais, e a existência de emoções positivas e ausência de emoções negativas (Quadro 1.1). Este modelo permite esclarecer o carácter multidimensional do bem-estar subjetivo, bem como especificar os diversos domínios de intervenção e contextos que exercem influência no bem-estar.

Bem-estar subjetivo			
<i>Emoções Positivas</i>	<i>Ausência de Emoções negativas</i>	<i>Avaliação global da vida</i>	<i>Domínios de satisfação</i>
Alegria	Tristeza	Realização pessoal	Família
Amizade	Stress	Satisfação com a vida	Trabalho
Amor	Preocupações	Sucesso	Saúde
(....)	(.....)	(....)	(.....)

Quadro 1.1: *Modelo hierárquico de felicidade adaptado de Diener et al. (2003)*

Quanto aos domínios de vida que devem ser considerados na medida deste conceito existem também diferentes propostas (Beaumont, 2011). O relatório da OCDE (2011), por exemplo, compara o estado do bem-estar em vários países, com base em indicadores materiais e de qualidade de vida. Relativamente a esta última são utilizados indicadores como estado de saúde, educação e capacidades, relações sociais, envolvimento na vida política, qualidade do ambiente, segurança, balanço entre o trabalho e a vida, e bem-estar subjetivo. O bem-estar subjetivo é aqui medido em termos de satisfação com a vida no global. Os indicadores materiais são: rendimentos e riqueza; trabalho e ganhos; e habitação.

Já um estudo realizado por Beaumont (2011), com o objetivo de medir o bem-estar a nível nacional no Reino Unido, propôs-se a medir o bem-estar individual – percepção do indivíduo acerca do seu bem-estar-, com base em indicadores que considerou afetarem diretamente este conceito, nomeadamente: relações, saúde, o que o indivíduo faz (trabalho, atividades de tempo livre), onde vive (habitação, comunidade), finanças pessoais, e educação

e competências. Utilizou também domínios mais contextuais como a influência do governo, da economia, e do ambiente natural.

Apesar das diferentes abordagens relativamente aos domínios que devem ser considerados na definição de bem-estar, existe, no entanto, algum consenso no que estas abordagens propõem. Nomeadamente domínios materiais (ex., rendimentos; condições de habitação); saúde; educação e competências; trabalho; tempo livre e relações individuais.

Relativamente aos domínios que demonstram ter mais influência na variação dos níveis de bem-estar na população adulta, Delle Fave, Brdar, Freire, Vella-Brodrick e Wissing, em 2011, realizam um estudo onde exploraram as definições e os níveis de felicidade e significado, em vários domínios da vida, bem como os aspetos mais significativos da vida, e os níveis de satisfação com a mesma, em adultos. Com o objetivo de aceder às componentes eudaimónica e hedónica da felicidade, e utilizando uma metodologia mista (quantitativa e qualitativa), o estudo permitiu o acesso a informação diferenciada. Os resultados indicam a Felicidade como resultado da *Harmonia e Equilíbrio Psicológico*, sendo que este constructo, em conjunto com o constructo de significado explicam 38% da variação da Satisfação com a vida, ou seja, são constructos independentes, apesar de relacionados. Os domínios mais associados à felicidade e ao significado (i.e., vida ter um significado para o indivíduo, objetivos a atingir) foram a *Família* e as *Relações Sociais*.

1.3. Bem-estar em crianças e adolescentes

O interesse no bem-estar infantil é bastante recente (Casas, 2011; Ben-Arieh, 2012). A preocupação em aceder às perspectivas de bem-estar subjetivo em crianças encontra-se associada à crescente importância atribuída aos direitos da criança e ao facto de se considerar a infância como um estágio de desenvolvimento único (Ben-Arieh, 2006; Casas, 2011; OECD, 2013). Mais concretamente, o início da grande mudança no estudo do bem-estar subjetivo nas crianças ocorreu em 1989, quando as mesmas se tornaram o foco do desenvolvimento internacional de padrões relativos aos direitos humanos, e as Nações Unidas adotaram a Convenção para os Direitos das Crianças, que incorpora um conjunto de direitos das mesmas (Ben-Arieh, 2005b). Neste momento os Direitos das crianças são um assunto central quando se fala dos direitos humanos, o que se reflete na opinião pública e nas políticas, que convergem no suporte ao desenvolvimento do papel das crianças da determinação dos seus próprios direitos, bem como na validação do seu estatuto de pessoa

(Ben-Arieh, 2005b). Desta forma, a monitorização e a investigação acerca do bem-estar infantil deve focar-se no bem-estar em vez do que é indispensável à sobrevivência da criança; focar-se nos aspetos positivos e não nos negativos, visto que, tendencialmente, medem-se os fatores de riscos das famílias e crianças, no entanto devemos estar consciente que a ausência desses fatores não significa obrigatoriamente um desenvolvimento adequado (Moore, Lippman, e Brown, 2004, citados por Ben-Arieh, 2006); focar-se no bem-estar atual enquanto criança, e não no bem-estar futuro como adulto; focar nos novos domínios de bem-estar em sobreposição aos tradicionais (Brown e Moore, 2001, citados por Ben-ariéh, 2006). Se voltarmos um pouco atrás na história, em 1989, antes da Convenção para os Direitos das Crianças, os indicadores de bem-estar tradicionais eram indicadores sociais e demográficos, utilizados estatisticamente, de forma a medir se as políticas governamentais atingiam os seus objetivos (Ben-Arieh, 2006). Mais concretamente, em vez de medir o bem-estar infantil em si, media-se o impacto das políticas para as crianças, no seu bem-estar. Neste sentido, a investigação tem levado cada vez mais em conta, também, fatores como competências em diferentes domínios, segurança, atividades, em vez centrar-se apenas nos tradicionais domínios tais como educação, estado de saúde, ou dados demográficos (Ben-Arieh, 2006).

Um estudo realizado por Ben-Arieh em 2005, que envolveu a revisão de 199 relatórios, confirma exatamente a tendência nesse sentido, ou seja, para além do número de relatórios sobre o bem-estar das crianças ter aumentado drasticamente, verifica-se também casa vez mais a tendência para focar os aspetos positivos, o bem-estar atual da criança, e os mais recentes a ter em conta o bem-estar para além das necessidades básicas e de sobrevivência, especialmente os relatórios dos países mais desenvolvidos.

Outra mudança é o facto de existir um maior número de estudos em que a criança é a unidade de análise, em contraste com o passado, em que o estudo do bem-estar infantil era feito através dos pais ou da família, ou até de professores, e não da própria criança (Ben-Arieh, 2006). Por exemplo a composição do agregado familiar era avaliada pelo número de pessoas existentes na casa onde a criança reside diariamente, no entanto, a ideia de família pode incluir, avós, tios ou mesmo um pai separado, que não resida na mesma casa, tornando-se bastante relevante o ponto de vista da criança.

A definição de bem-estar subjetivo nas crianças parece ser bastante variável (Pollard e Lee, 2003), no entanto tal como nos adultos pode ser definido como um conjunto de características individuais inerentes a um estado positivo; um contínuo de emoções negativas

e positivas, ou ainda, em termos contextuais (Rees et al., 2010). Desta forma pode ser operacionalizado ao nível individual, dentro de um domínio específico, nomeadamente psicológico, cognitivo, físico ou social, ou a nível ambiental, englobando os efeitos contexto de desenvolvimento da criança (Pollard e Lee, 2003).

O pressuposto de que a criança consegue fazer julgamentos sobre os diferentes domínios da sua vida, permite constatar que é possível explorar até que ponto o bem-estar em determinados domínios contribui para a percepção de bem-estar global da criança, e indicar os aspetos da vida da mesma que emergem como mais relevantes para o seu bem-estar (Rees et al., 2010). Pollard e Lee (2003), por exemplo, identificaram cinco domínios de bem-estar distintos, nas crianças: os domínios físico, psicológico (emoções, saúde mental), cognitivo (relacionados com a escola ou domínios intelectuais), social e económico.

De forma a ilustrar a diversidade de domínios que são levados em conta pelos diferentes estudos, cito ainda alguns trabalhos relevantes para esta temática. Em primeiro lugar o índice Kidscreen-52 (Ravens-Sieber, Gosch, Rajmil, Erhart, Bruil, Duer et al., 2005) com o intuito de facilitar comparações entre países, baseado unicamente nos depoimentos de crianças e jovens relativamente ao seu bem-estar, utilizando 52 itens, organizados em 10 dimensões, considerou factores como saúde física, humor e emoções, vida em casa, ambiente escolar, aceitação social, e percepção da criança dos seus recursos financeiros. Este índice tem também uma versão portuguesa, adaptada e avaliada por Gaspar e Matos em 2008, com o objetivo de medir a qualidade de vida das crianças e jovens portuguesas. Foram consideradas dez dimensões: saúde e atividade física, sentimentos, estado de humor geral, autopercepção, tempo livre, família e ambiente familiar, questões económicas, amigos, ambiente escolar e aprendizagem, provocação.

Já numa pesquisa acerca do bem-estar subjetivo em jovens, realizada em Inglaterra em 2009, por Rees, Sabia, e Argys, foram estudados bem-estar subjetivo e psicológico em separado. No primeiro foram considerados, saúde física, emocional, e utilização do tempo, relações com a família e amigos, e questões ambientais como bem-estar material, habitação, escola, áreas locais, questões nacionais e globais. No âmbito do bem-estar psicológico foram considerados os seguintes domínios: propósito de vida, senso de autonomia, competência, parentesco, locos de controlo, autoimagem, autoestima, optimismo, e aspirações para o futuro. Outro trabalho relevante é o “Index of Child Wellbeing in Europe” (Bradshaw e Richardson, 2009), que comparou 27 países, tendo em conta o estado de saúde da criança, bem-estar

subjetivo, relações pessoais, recursos materiais, educação, comportamento e risco, habitação e ambiente/contexto. Já Rees e colegas (Rees et al., 2010) propõem os seguintes: família; amigos; saúde; aparência; utilização do tempo; futuro; casa; dinheiro e pertences; escola; e possibilidade/liberdade de escolha. Mais recentemente, o relatório da UNICEF, em 2013, sobre o bem-estar subjetivo das crianças em países desenvolvidos, considerou quatro componentes, nomeadamente satisfação com a vida, relações com família e amigos, bem-estar na escola, e saúde subjetiva. Também em 2013, Fernandes e colegas, num estudo que teve como objetivo testar uma nova proposta de índice de bem-estar, levando em conta a opinião da própria criança, os autores consideraram o bem-estar material, contexto de habitação, vizinhança, saúde, escola, atividades de tempos livres, relações sociais, e traços físicos e psicológicos.

Tendo em conta o estudo realizado por Exenberger e Juan (2014) em crianças vítimas do tsunami de 2004 na Indonésia, foram identificadas como componentes do bem-estar subjetivo, as componentes realização académica, qualidade familiar ou parental, relações com os pares, saúde, e bem-estar material para a família. A nível psicológico valorização e capacidades sociais. A nível cultural apreciação da natureza, orientação comunitária, atividades artísticas, família unida, obediência.

Já num estudo realizado com adolescentes por Freire, Zenhas e Iglésias (2013), observou-se que as *Relações Interpessoais*, fora do contexto familiar, são fatores fundamentais ao conceito de felicidade desta faixa etária. No entanto, a *Família* revelou também um lugar de destaque no bem-estar destes adolescentes, constando como parte fundamental na sua definição de felicidade, bem como nos aspetos mais significativos associados à mesma. Seguiu-se a *Educação*, e já relativamente às categorias *Comunidade*, *Espiritualidade e Religião* são praticamente nulas na lista de aspetos mais significativos na vida dos adolescentes. Os domínios a que os adolescentes atribuem mais significado e nos quais parecem sentir-se mais felizes são a *Família*, e a *Saúde*.

Desta forma é possível concluir que diferentes estudos utilizam diferentes domínios, no entanto aparentemente existe atualmente uma linha condutora. Nas crianças, os domínios de bem-estar parecem centrar-se em variáveis relacionadas com a saúde, educação e bem-estar material (Exenberger e Juan, 2014).

1.4. A medição do bem-estar

No seguimento do que foi sendo dito, o bem-estar é atualmente acedido tendo em conta medidas objetivas e subjetivas. As medidas objetivas são baseadas em factos, por exemplo, índices de mortalidade, taxa de desemprego, níveis de sucesso escolar. As medidas subjetivas centram-se em questões diretas sobre o que as pessoas pensam sobre os seus sentimentos. Inclui questões como por exemplo autorrelato de estado de saúde, sentimentos de segurança, opinião sobre a comunidade local (Beaumont, 2011). De acordo com as diretrizes de 2013 da OCDE, o bem-estar subjetivo deve ser medido lado a lado com medidas objetivas, como por exemplo rendimento, saúde, formação e competências, ou segurança.

Mais especificamente, as medidas relacionadas com a componente afetiva são medidas relativas a sentimentos ou estados emocionais, e são normalmente referentes a um ponto específico no tempo. Registam como o indivíduo experiencia a vida, e não como se lembra dela (Kahneman e Krueger, 2006) e, desta forma, têm normalmente duas dimensões especificadas perspectiva hedónica do bem-estar, o afeto positivo e o afeto negativo (Kahneman, 1999).

A componente mais cognitiva de avaliação da satisfação com a vida é utilizada em termos de avaliação global, mas também relativamente a domínios específicos da vida, como a saúde por exemplo (OECD, 2013). Já relativamente à componente eudaimónica, avalia por exemplo, competência, orientação para objetivos, propósito de vida, resiliência. As medidas nesta componente têm um foco mais instrumental, visto estarem ligadas tanto aos resultados finais como às competências para atingirem esses resultados (OECD, 2013).

Relativamente ao bem-estar nas crianças, as medidas existentes são semelhantes às dos adultos. Desta forma, podemos distinguir entre medidas objetivas – revisões de casos, avaliações escolares, registos médicos, índices de mortalidade infantil, estatísticas de delinquência, entre outros – e medidas subjetivas (medidas unidimensionais, multidimensionais). No entanto, para aceder corretamente ao bem-estar, é essencial que as ferramentas de medidas utilizadas avaliem a sua natureza multidimensional (Pollard e Lee, 2003).

O bem-estar infantil é, efetivamente, avaliado, em geral, por múltiplas medidas, num esforço por aceder de forma mais completa ao estado do bem-estar infantil. As medidas no domínio social avaliam relações familiares e com os pares, suporte emocional e instrumental, competências de comunicação, recursos pessoais, entre outros. No domínio cognitivo mede-se, geralmente, sucesso académico, e inteligência, mas também satisfação com a escola,

comportamento em sala de aula, entre outros. A nível económico a avaliação baseia-se em medidas como rendimento do agregado familiar, dificuldades económicas. No domínio físico, avaliam-se questões de saúde física através de exames físicos, ou avaliação de hábitos alimentares (Pollard e Lee, 2003).

De acordo com Ben-Arieh (2005b), para estudar de forma adequada o bem-estar infantil devemos ser capazes de responder às perguntas “(1) What are children doing? (2) What do children need? (3) What do children have? (4) What do children think and feel? (5) To whom or what are children connected and related? and (6) What do children contribute?”(p.577). Para responder as estas questões é necessário acedermos ao dia-a-dia da criança, da sua própria perspetiva. Perspetiva que pode divergir da dos pais, que são utilizados normalmente como unidade de análise, o que reforça novamente a necessidade de dispor das crianças como fonte de informação.

1.5. Determinantes do bem estar-subjetivo

O bem-estar subjetivo é influenciado por um conjunto de fatores que se colocam a diferentes níveis: contextuais, afetivos, cognitivos e genéticos.

No que aos fatores contextuais diz respeito, a idade, o sexo, o estado civil, a escolaridade, a situação laboral, e os acontecimentos de vida significativos (positivos e negativos) parecem ter um papel importante. Estudos revelam que o perfil da pessoa feliz - é ser jovem, saudável, com escolaridade elevada, bem remunerado, casado, satisfeito com o trabalho, considerando ainda a influência das características pessoais nestes fatores (Wilson, 1967). Algumas conclusões neste campo, indicam que a religião aumenta a satisfação com a vida porque trás um significado à vida, bem como suporte social forte (Diener, 1998; Diener e Seligman, 2004). Por outro lado, o casamento parece aumentar a satisfação com a vida por proporcionar suporte social, emocional e material (Argyle, 1999; Diener e Lucas, 2000; Seligman, 2002). No entanto estas características demográficas explicam apenas uma pequena percentagem da variação do bem-estar, não sendo suficiente para distinguir indivíduos felizes de infelizes (DeNeve, 1999; Diner, Suh, Lucas, Smith, 1999).

São vários os estudos que se têm debruçado sobre fatores contextuais que parecem influenciar os níveis de bem-estar subjetivo. De acordo com os resultados de Fernandes e colegas (2013), o nível de educação dos pais, e a sua situação laboral emergem como os fatores mais relevantes na variação do bem-estar global de crianças. A nacionalidade é outro dos fatores relevantes, visto que as crianças descendentes de duas nacionalidades distintas

apresentam níveis de bem-estar global mais baixos. Este estudo revelou também que a dimensão que mais se correlaciona com o bem-estar global é o bem-estar material.

No presente trabalho, o foco reside no modo como o bem-estar subjetivo varia em função da idade. Ao longo dos anos, os trabalhos que estudam a evolução do bem-estar ao longo das diferentes faixas etárias são diversos. As conclusões apontam em três direções distintas. A forma de U – convexo, a forma de U – côncavo, e um traço linear (Ulloa, Moller e Sousa-Poza, 2013).

Myers e Diener (1995) defendem, com base numa meta-análise realizada por ambos, que não existem variações nos níveis de felicidade de acordo com a idade, ou seja, que a sua evolução é linear. Isto porque, de acordo com os mesmos autores, a satisfação com a vida não parece depender significativamente de fatores externos, mas sim de traços de personalidade, e afetos positivos e negativos, que não variam de acordo com o tempo.

Já de acordo com Mroczek e Spiro (2005), o bem-estar evolui ao longo da vida em forma de U – côncavo. Num estudo com homens entre os 40 e os 85 anos de idade, explorou a relação entre o envelhecimento e o bem-estar medido em termos de afeto positivo. Os resultados mostraram que o bem-estar aumenta a partir da meia-idade, e atinge o seu máximo por volta dos 65 anos

O ponto de vista de Blanchflower e Oswald (2008) é contrário aos dois supra mencionados. De acordo com estes autores, a satisfação com a vida evolui com a forma de um U – convexo, sendo que atinge os seus mínimos entre o meio dos trinta e o início dos 50 anos de idade.

Hernández, Vázquez, Hervás, Malo, Alsinet e Subarroca (2009) concluíram que existem diferenças ao longo da vida a nível do bem-estar subjetivo. Num estudo de Casas, Figuer, Gonzalez, Malo, Alsinet e Subarroca (2007) foi encontrado um aumento da expressão de emoções negativas e uma diminuição da expressão de emoções positivas, bem como uma pequena diminuição da satisfação com a vida entre os 12 e os 16 anos. Os mesmos autores indicam que o que deixa alguém feliz na infância, na adolescência, idade adulta e velhice à partida não é o mesmo, no entanto existem fatores que podem influenciar o nível de bem-estar em todas as idades.

Um estudo de Ryff (1989) comparou jovens entre 18-29 anos, adultos entre 20 e 64 anos, e idosos com mais de 65 anos e encontrou um aumento nas variáveis domínio ambiental

e autonomia conforme a evolução do perfil etário e uma diminuição dos níveis das variáveis propósito na vida e crescimento pessoal com o aumento da idade. Não foram encontradas diferenças significativas entre escalões etários nas variáveis autoaceitação e relações positivas com outros. Em 1995, um estudo de Ryff e Keys, que replicou o estudo acima mencionado, chegou aos mesmos resultados. Os autores reforçam, no entanto, a necessidade de novos estudos, com amostras representativas para generalizar os padrões encontrados nestes estudos, bem como a necessidade de estudos longitudinais para clarificar estas diferenças entre gerações. Por outro lado, estudos indicam que o bem-estar subjetivo é relativamente estável na idade adulta, sem diferenças significativas, ao longo dos diferentes estágios da idade adulta (Diener e Suh, 1997), o que nos leva a concluir a existência de pouco consenso relativamente a esta matéria.

Quando consideramos o bem-estar subjetivo como um constructo multidimensional, é possível a observação de ganhos e perdas ao longo do curso da vida (Diener e Suh, 1997). Muitos autores acreditam que as discrepâncias entre estudos que encontram diferenças entre estágios etários, e os que não encontram é fundamentalmente relacionada com o facto de analisarem o bem-estar subjetivo como um todo, ou por outro lado, tendo em conta em separado as componentes de afeto positivo e negativo. Bem como com as diferentes definições de afeto positivo e negativo utilizadas. Em 1984, Malatesta & Kalnok avaliando apenas a correlação com afeto negativo, não encontraram diferenças significativas na sua incidência e intensidade ao comparar 3 grupos etários com idades médias de 24, 46, e 65 anos respectivamente. Posteriormente em 1990, Shmotkin chegou à mesma conclusão com um grupo em que as idades variaram entre 21 e 87 anos de idade. Diener e Suh (1997) comprovaram mais uma vez os resultados num estudo em 43 países, e indivíduos entre os 20 e os 99 anos de idade.

O bem-estar subjetivo é também influenciado por fatores afetivos, influência esta explicada por teorias como a da dor e do prazer que defende que intensidade das experiências positivas e negativas se influenciam mutuamente, o que faz com que a vivência de mais experiências positivas crie maior intensidade na vivência das negativas e vice-versa (Galinha, 2008). Outra possível explicação é dada pela teoria do afeto positivo e negativo, em que níveis mais elevados de afeto positivos e mais reduzidos de afeto negativo representam melhores níveis de bem-estar subjetivo, podendo os níveis de afeto ser medidos pela frequência e intensidade afetiva.

Relativamente às abordagens teóricas que tentam explicar a variação da felicidade baseadas nos processos e fatores cognitivos, as teorias associacionistas, focam a sua pesquisa nas redes de associações formadas pelos indivíduos e das representações que constroem. As teorias dos objetivos e valores, focadas na definição de objetivos e concretização de metas individuais. Por outro lado as teorias de discrepância que exploram a relação entre as comparações feitas pelo indivíduo entre as suas condições de vida e um conjunto de representações pessoais. Ou ainda as teorias de julgamento que relacionadas com os processos subjacentes à avaliação feita pelo indivíduo relativamente à sua felicidade e satisfação com a vida (Galinha,2008).

Alguns estudos referem, também, a influência de fatores genéticos. Numa pesquisa realizada com gémeos (Lykken e Tellegen, 1996) encontrou-se uma variância significativa atribuída à hereditariedade e aos genes. Neste trabalho foi aplicado um questionário multidimensional de personalidade a um conjunto de gémeos com 20 anos de idade. Este questionário foi aplicado novamente passados 10 anos à mesma amostra. Foram utilizados 79 gémeos monozigóticos, e 48 dizigóticos. Depois de cruzados os resultados relativos ao bem-estar do gémeo A na primeira recolha com os do gémeo B na segunda recolha, e vice-versa, observou-se uma correlação nula (igual a 0), para os gémeos dizigóticos. Enquanto que para os gémeos monozigóticos variou entre 40 e 80%. O que releva que as componentes estáveis do bem-estar são, em parte, determinadas geneticamente. A influência destes fatores não é, no entanto, consensual.

1.6. O conceito de família

O conceito de família é definido de forma diversa nas diferentes áreas de estudo, adicionalmente, tem vindo a modificar-se ao longo do tempo, tendo em conta a evolução das histórias das relações. A família é classicamente definida como uma entidade composta por determinados membros, nomeadamente mãe, pai e filhos, com as principais responsabilidades de procriar e cuidar da descendência (Macedo, 1994). Especificamente no campo das ciências sociais e humana, é vista como unidade social, com a função de socialização das crianças através da educação e da transmissão de valores e cultura (Macedo, 1994). Presentemente, não podemos conceptualizar a família apenas nos seus moldes tradicionais (i.e., formada por um homem e uma mulher com papéis sociais e culturais pré-estabelecidos) mas também na forma de famílias monoparentais, famílias homossexuais, entre outras. Eguier (1998) define

família como um grupo de indivíduos ligados por algum grau de parentesco, ou aliança, formado a partir do vínculo do casal. Já Sampaio e Gameiro (1985) falam de família como um conjunto de indivíduos emocionalmente ligados, que compreende a presença de pelo menos três gerações, bem como elementos não ligados por traços biológicos, mas significativos no contexto relacional. Ou ainda um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações, que mantêm o equilíbrio através de estádios de evolução diversificados.

Importa também referir a importância crescente da terceira geração na vida das crianças. Em pleno século XXI, a esperança média de vida é cada vez mais longa, o que abre caminho a uma maior influência dos avós nos seus netos, tendo em conta que muitas destas crianças aos 18 anos, e até mesmo quando decidem criar a sua própria família, têm a possibilidade de conviver com os avós. Por exemplo, as crianças nascidas nos anos 90, quando atingirem os 30 anos de idade terão apenas 21% de hipóteses de ter algum dos seus avós vivos. Já 76% das crianças nascidas a partir de 2000, quando atingirem a mesma idade, terão pelo menos um dos avós vivo. (Uhlenberg, 1996). Desta forma os avós, quando presentes, são modelos importantes na socialização dos seus netos (King e Elder, 1997).

Ao longo deste trabalho as famílias são olhadas de uma forma sistémica, tendo em conta a influência que o contexto e as trocas com o meio têm nas mesmas (Bronfenbrenner, 1977). De acordo com a abordagem ecológica do desenvolvimento humano (ver também Bronfenbrenner e Morris, 1998) importa estudar o processo de influência mútua de um organismo em crescimento com os contextos sociais em que está inserido. O modelo distingue quatro componentes: o *microsistema*, que engloba as relações entre o indivíduo e o seu meio imediato (ex., família, amigos); o *mesossistema*, que compreende as relações entre microsistemas (ex., escola-casa); o *exossistema*, que engloba outras estruturas sociais, em que o indivíduo não está diretamente presente, mas é afetado pelos acontecimentos nessas esferas (ex. para o uma criança, o emprego dos pais); e o *macrossistema*, que não se refere a contextos específicos que afetam a vida do indivíduo em particular, mas sim a protótipos gerais que definem o padrão para os contextos e atividades que ocorrem ao nível concreto do indivíduo (ex., cultura, sistema económico, social, educacional), que se manifestam concretamente no micro, meso e exossistemas do indivíduo.

O sítio que as crianças e os responsáveis pelas mesmas ocupam no macrossistema tem especial relevância para a forma como os mesmos são tratados e interagem entre si (Bronfenbrenner, 1977). Desta forma dentro de uma família estamos perante um processo de

trocas recíprocas, em que os indivíduos se influenciam mutuamente, mesmo através dos seus contextos. O indivíduo está em estreita relação com o ambiente e contexto que o rodeia, transformando, e sendo transformado pelo mesmo. Desta forma, as normas e valores dentro de uma família, são construídos em interação com o contexto sociocultural, existindo uma certa interdependência entre os diversos contextos e o meio que rodeia a família (Bronfenbrenner, 1986). Isto implica que também nos domínios relevantes para o indivíduo e para o seu bem-estar exista uma possível troca de informação e influência entre os membros da família e entre os contextos que são partilhados por esses membros.

Em geral a criança interage, inicialmente, maioritariamente com os seus pais ou cuidadores. No entanto, conforme cresce, outras pessoas, como avós, irmãos, outros parentes, professores, amigos, começam também a exercer um papel relevante no seu desenvolvimento (Bronfenbrenner e Morris, 1998). Os processos proximais, e a sua relação com as características pessoais, e com o contexto acontecem também a nível do microsistema. E, dentro do microsistema, a família revela-se o domínio mais relevante, seguido por vários outros, como amigos, vizinhos, escola, saúde (Bronfenbrenner e Morris, 1998). Desta forma as crianças influenciam e são influenciadas mais diretamente por estes domínios. Dentro de cada um deles podemos encontrar processos proximais e variáveis de contexto que exercem influência na vida das mesmas, que podem ser compostas por diferentes dimensões do bem-estar infantil (Fernandes et al., 2013).

1.7 Transmissão intergeracional

Visto que ao longo deste trabalho vamos abordar a possível partilha de significados entre gerações, neste caso especificamente relativos ao bem-estar, importa em primeiro lugar definir o conceito de geração. Este conceito pode ser considerado um fenómeno de natureza essencialmente cultural (Mannheim, 1982) e, neste sentido, é composto por pessoas que vivenciam determinados eventos, e não por pessoas que partilham apenas a mesma faixa etária (Debert, 1998). Ou seja, uma geração, reúne pessoas que nasceram na mesma época, viveram os mesmos acontecimentos e experiências históricas. De acordo com Mannheim (1982), nascer numa mesma geração conduz a uma certa afinidade entre os indivíduos, relativamente às suas experiências, e formas de ver o mundo. Estas experiências dão origem a uma consciência que permanece presente ao longo do curso de vida e influencia a forma como o indivíduo vivência e percebe os acontecimentos de vida (Borges e Magalhães, 2011).

As relações intergeracionais, são, por outro lado, relevantes principalmente porque dizem respeito a trocas sociais e culturais que se estabelecem entre grupos etários distintos. Este processo leva em conta saberes, valores, memórias, estilos de vida viabilizando a relação entre as diferentes gerações (Carvalho, 2007). O processo de transmissão de normas e valores, por exemplo, pode fazer-se pelo contacto entre indivíduos de gerações diferentes (Borges e Magalhães, 2011; Mannheim, 1982). A transmissão intergeracional de valores - i.e., objetivos abstractos e desejáveis, aplicados em diferentes situações (Schawartz, 1992) -, por exemplo, entre pais e filhos, resulta de um processo composto por dois passos: em primeiro lugar a criança *compreende* os valores defendidos pelos pais; em segundo lugar a criança *aceita* esses valores. Se a criança perceber e aceitar os valores dos seus pais, a semelhança entre os valores das duas gerações é elevada (Grusec e Goodnow, 1994). A temática da transmissão de valores entre três gerações é ainda pouco estudada. Um estudo de Sabatier e Lannegrand-Willems (2005) sobre a transmissão de valores familiares com adolescentes, na população francesa, verificou que existe uma transmissão clara de valores das mães para os adolescentes. No que diz respeito à transmissão entre avós e adolescentes, apesar de existente, mostrou-se, no entanto, indireta, através das mães, e dos objetivos parentais das mesmas. No entanto, não existe uma replicação exata dos valores, quer a transmissão seja direta ou indireta. A mudança nos valores e a transmissão são dois processos independentes (Boehnke, 2001).

Dentro das abordagens da psicologia, de acordo com Bandura (1963), podemos distinguir dois tipos de processos pelos quais as crianças adquirem valores, atitudes, e padrões de comportamento social. Uma destas formas é a aprendizagem que ocorre com base na aprendizagem direta, ou treino instrumental, e neste tipo de aprendizagem os pais, ou outros agentes de socialização como professores, são explícitos sobre o que querem que a criança aprenda e tentam modelar o seu comportamento através de castigos e recompensas. A outra é a imitação por parte das crianças dos comportamentos e atitudes dos pais ou outros familiares como os avós, apesar da maioria deles (pais ou avós) nunca o terem tentado ensinar diretamente. A aprendizagem, dita por modelagem, é rapidamente interiorizada, ao contrário do treino instrumental que é interiorizado lentamente (Bandura, 1963).

No decurso do desenvolvimento social, as crianças são expostas a diferentes modelos, em particular membros da família, que diferem nos seus comportamentos, mas também na influência que têm nas crianças. Nestes casos, os comportamentos das crianças são uma síntese dos elementos comportamentais selecionados dos diferentes modelos disponíveis. Precisamente por este motivo é possível que dois irmãos, com os mesmos modelos familiares,

se comportem de forma distinta, porque selecionaram elementos diferentes do comportamento e atitudes dos modelos disponíveis (Bandura, 1963).

Ainda, num estudo de Bandura e McDonald (1963), acerca da influência dos modelos na transmissão e modificação dos julgamentos morais das crianças, as crianças com orientações morais objetivas foram expostas a modelos com orientações morais subjetivas, e as crianças com orientações morais subjetivas expostas a modelos com orientações morais objetivas. Os resultados mostram que em ambos os casos as crianças alteraram as suas orientações na direção das orientações dos modelos, alterando os seus julgamentos morais. Alterações estas que se mantiveram em testes posteriores em que o modelo já não se encontrava presente. A aprendizagem por modelagem é, por tanto, uma forma de transmissão de modelos de comportamentos, atitudes e valores.

Apesar da importância que tem merecido a aprendizagem por modelagem, outros aspetos devem ser tidos em conta aquando da transmissão intergeracional. Se tivermos em conta a velocidade a que se processam atualmente as mudanças tecnológicas, sociais, económicas, culturais, concluímos que as mesmas podem afetar as relações de pessoas de gerações diferentes, mesmo dentro da família. Quanto mais rápidas são as mudanças socioculturais, maior a discrepância entre as experiências de cada geração, e consequentemente maiores as diferenças intergeracionais (Borges e Magalhães, 2011). De acordo com Dumazedier (1992) as gerações mais velhas têm uma função de transmitir conhecimento às mais novas, seja no contexto de trabalho, de lazer, de relações sociais ou no contexto familiar. A transmissão ocorre, no entanto, também no sentido inverso. As crianças transformam muitas vezes os seus avós, apresentam-lhes novos hábitos, novos brinquedos, novas formas de ver o mundo (Oliveira, 1998). Esta troca de saberes permite uma partilha de modos de pensar, agir, sentir, e facilita a emergência de novas opiniões e visões, acerca do mundo, e das pessoas. Esta partilha é recíproca, e conduz a uma construção e reconstrução constantes (Carvalho, 2007). Por outro lado, apesar de cada geração ter interesses próprios, resultado de influências sociais, políticas e culturais, pode também ter interesses comuns a outras gerações (Carvalho, 2007).

1.8 Objetivos

Tal como referido anteriormente, são vários os estudos que têm procurado analisar o bem-estar subjetivo ao longo do ciclo de vida. Grande parte da pesquisa é de natureza

quantitativa e comparativa (ex., estudos em diferentes países). Apesar da sua relevância importa desenvolver estudos qualitativos que permitam a explorar o significado atribuído ao conceito de bem-estar subjetivo por diferentes atores. É no sentido de preencher esta lacuna que surge o presente estudo.

O olhar sobre o bem-estar subjetivo a nível familiar é também pouco usual. E pelo que se tem conhecimento, o aceder a este conceito a nível intergeracional é inexistente. Desta forma, este trabalho tem como objetivos aceder à percepção de bem-estar das crianças, bem como dos seus pais e avós, analisando, desta forma os significados atribuídos a este conceito tendo em conta uma perspectiva sistémica. (i.e, geracional e intergeracional)

II - Método

2.1 Participantes

A amostra é constituída por 21 indivíduos pertencentes a oito famílias distintas. Destas, cinco são compostas por três gerações, as crianças, e os respectivos pais e avós, e três compostas por duas gerações, em duas delas as crianças e os pais, e uma composta por uma criança e a sua avó. Participaram, assim, um total oito crianças, sete pais, e seis avós. Era critério de inclusão todos os elementos da família fazerem, assim, parte do mesmo agregado familiar ou terem contacto diário.

Em termos de idade, as crianças têm entre oito a 12 anos ($M=9,5$; $DP=1,41$). Este intervalo era critério de inclusão, uma vez que os resultados aqui obtidos serão incluídos num projeto internacional de bem-estar – Well-being from a multinational perspective¹ – no qual a orientadora deste trabalho se encontra inserida.

Destas, 50% são do sexo feminino e as restantes do sexo masculino. Todas elas nasceram em Portugal, pelo que têm nacionalidade portuguesa, à exceção de uma criança, que tem nacionalidade cabo verdiana. Todas as crianças são, no entanto, de origem africana, nomeadamente dos PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

Relativamente aos pais das crianças, participaram um total de sete pais sendo, na sua maioria, mães (86%), com idades compreendidas entre os 25 e os 37 anos ($M=30$; $DP=3,92$). Seis dos participantes têm nacionalidade portuguesa, um tem nacionalidade cabo verdiana; dos seis, quatro nasceram em Portugal, um em São Tomé e Príncipe e um na Guiné-Bissau. No que diz respeito às suas habilitações literárias, 57% dos participantes estudaram até ao 9º ano de escolaridade, e os restantes frequentaram o ensino até ao final da escolaridade obrigatória (12ºano). Em termos de situação laboral, 38% dos participantes encontra-se desempregado e os restantes trabalham nos sectores da Educação e Comércio.

Relativamente aos avós, participaram seis indivíduos com idades compreendidas entre os 57 e os 78 anos de idade ($M= 64$; $DP=8,28$). Quatro dos participantes têm nacionalidade portuguesa, um tem nacionalidade guineense, e um nacionalidade cabo verdiana. Dos quatro participantes com nacionalidade portuguesa dois nasceram em S. Tomé e Príncipe, um em Cabo Verde e um em Portugal. Em termos de escolaridade, a maioria (67%) frequentou a

¹ Trata-se de um grupo de investigadores decorrentes do grupo de trabalho *Children's World's Study*, coordenado por Tobia Fattore, Susann Fegter e Christine Hunner – Kreisel e no qual a orientadora deste trabalho se encontra inserida.

escola apenas até ao 4º ano de escolaridade e os restantes (33%) são iletrados. Quatro dos participantes encontram-se integrados no mercado de trabalho, nomeadamente no sector do Comércio e Restauração, Construção Civil, e Limpezas, um encontra-se reformado e um desempregado.

Das famílias que fazem parte da amostra, em 85% dos casos o agregado familiar é composto por 5 pessoas ou mais, nomeadamente pais, filhos, irmãos.

Os dados foram recolhidos até à saturação da amostra, ou seja pelo facto das entrevistas não estarem a produzir novos dados (Strauss e Corbin, 1998). Trata-se de uma amostra de conveniência.

2.2 Metodologia e Instrumento

A metodologia adotada é de carácter qualitativo, dado terem sido conduzidas 21 entrevistas individuais. A opção pela condução de entrevistas individuais prende-se com o facto deste método permitir mapear crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, oferecendo a oportunidade de analisar com maior profundidade a forma como cada um dos participantes percebe e dá significado à sua realidade (Duarte, 2004).

As questões presentes no guião de entrevista infantil seguem as diretrizes do guião semiestruturado do grupo de estudo internacional referido anteriormente. Relativamente às questões presentes no guião dos adultos (i.e., pais/mães e avós) foram adaptadas do guião infantil, de modo a que se garantisse a possibilidade de serem abordados os mesmos temas. Em termos gerais, o guião apresenta um conjunto de questões abertas relacionadas com o bem-estar, nomeadamente o que poderá ser mais importante na vida do indivíduo, e o que o faz sentir bem, com o objetivo de aceder aos significados atribuídos ao bem-estar subjetivo (ex., “Podes descrever uma ocasião específica em que te tenhas sentido bem?”).

No caso das crianças, em particular, foram colocadas sete questões gerais, abertas. Uma primeira questão de quebra-gelo, em que a criança descreve a sua forma de ser, seguida de perguntas relativas ao que é mais importante, e ao que faz a criança sentir-se bem. Estas questões foram acompanhadas da construção de um mapa, em que a criança é convidada a desenhar o que é mais relevante na sua vida. A quarta questão era relativa ao que a criança gostaria de ver alterado na sua vida. Na quinta questão era solicitado que explicassem a como é ser crianças em Lisboa (esta pergunta está relacionada com os objetivos do estudo

internacional supra mencionado). As questões seguintes são relacionadas com a opinião da criança sobre as perguntas realizadas, e sugestões para o presente estudo. Por fim foi colocado um conjunto de questões relativas a informação sociodemográfica.

No que diz respeito aos adultos, foram colocadas oito questões, as quatro primeiras na mesma linha do que foi questionado às crianças, tendo-se excluído a construção do mapa. A quinta pergunta relacionada com o indispensável para ser feliz, e a sexta relativa ao que está em falta para ser totalmente feliz (ex., O que é importante/indispensável para ser feliz?). O final do guião é igual ao das crianças, já descrito anteriormente, incluindo as questões relativas a informação sociodemográfica (ex., idade, nacionalidade).

2.3 Procedimento de recolha de dados

As crianças foram selecionadas de acordo com os critérios acima mencionados e o contacto com as mesmas foi facilitado por técnicos de um Programa Escolhas e de um Agrupamento Escolar. Após contacto telefónico foi realizada uma reunião com os pais, em que foi explicado o teor do projeto e registado quem estaria disposto a participar. O passo seguinte foi a marcação das entrevistas individuais, que foram conduzidas em casa dos participantes, ou no espaço do Projeto Escolhas.

A informação recolhida durante as entrevistas foi registada através de gravação de voz. As entrevistas tiveram uma duração média de 21 minutos, mais especificamente 24 minutos nas entrevistas das crianças, 21 minutos com as entrevistas dos pais, e 19 minutos, em média, nas entrevistas dos avós.

Antes da realização das entrevistas foi explicado em que consistia o estudo, quais os principais objetivos, e como iria ser conduzida a entrevista. Os participantes leram e assinaram o consentimento informado, que continha os objetivos do estudo, a garantia de confidencialidade dos dados recolhidos, o consentimento dos participantes para a participação voluntária no estudo e a respetiva autorização para a gravação da voz. Cada participante assinou o consentimento informado para a respetiva participação. No caso das crianças, o consentimento foi assinado pelo representante legal da criança, neste caso pais ou avós (Anexos H e I).

2.4 Procedimento de análise de dados

As entrevistas foram transcritas e os dados posteriormente analisados recorrendo à técnica de análise de conteúdo temática (Ritchie e Lewis, 2003). Para análise do *corpus*, neste

caso todo o material recolhido nas entrevistas realizadas², foi utilizada como unidade de análise o tema, i.e., - excertos de respostas dos participantes (palavras ou frases). Após identificação das unidades de registo (UR) foi criado um sistema de categorias misto, ou seja, foi feita uma análise indutiva de fragmentos dos discursos dos entrevistados (UR), cruzando-se esse material com as referências teóricas (processo mais dedutivo de análise), que orientaram o presente trabalho (Duarte, 2004).

Este processo de análise conduziu à identificação de 13 temas nas crianças, 12 no caso dos pais e avós. Dentro destes temas mergiram 17 subtemas no caso das crianças, 13 subtemas no caso dos pais, e 11 subtemas no caso dos avós, existindo alguns subtemas comuns aos três grupos, e outros que diferem de grupo para grupo, que serão descritos de forma mais detalhada nos Resultados. Aos temas e subtemas foram posteriormente atribuídos nomes, de acordo com conteúdo incluído em cada um. Os anexos A, B e C mostram o dicionário de categorias construído para cada uma das gerações³.

Este dicionário foi criado de forma a operacionalizar as categorias, e garantir uma maior validade dos dados, e tendo em conta as regras sugeridas por Bardin (2009); *exclusão mútua*, ou seja, cada elemento é classificável apenas em uma das categorias; *homogeneidade*, mais concretamente, cada categoria funciona apenas com uma dimensão de análise; *pertinência*, cada categoria é pertinente quando é adaptada ao material de análise utilizado, aos objetivos do estudo, e ao enquadramento teórico em que este último se baseia; *objetividade e fidelidade*, neste caso, o material deve ser igualmente codificado, quando é utilizada a mesma grelha de análise; *produtividade*, as categorias devem ser férteis em resultados que permitam inferências. O dicionário criado codifica, todas as unidades de análise existentes, cumprindo, desta forma, o critério de *exaustividade*.

Por forma a garantir a fidelidade dos dados procedeu-se ao cálculo do acordo inter-juízes. O índice de fidelidade foi calculado dividindo o número de acordos entre juízes, pelo total de categorizações efetuadas. O nível de concordância entre juízes apresenta o valor de 78,9%, considera-se, desta forma, o acordo quase perfeito⁴.

² Excetuando-se, para as crianças, os conteúdos obtidos para a pergunta “Como é ser criança em Lisboa?” informação esta recolhida apenas para o estudo internacional supra mencionado

³ Composto pelo significado de cada tema e subtema, um exemplo, o número de entrevistas em que foi mencionado, e a quantidade de vezes identificado nas entrevistas

⁴ O cálculo foi efetuado recorrendo ao software “x (recal2): <http://dfreelon.org/utills/recalfront/recal2/>

Em termos de análise dos dados, numa primeira fase, a mesma foi feita ao nível do indivíduo, a análise do padrão geracional, seguidamente a nível intergeracional, ou seja, o que é partilhado entre gerações. De forma a acedermos aos temas mais frequentes realizou-se uma análise de ocorrências, onde se mapeou a frequência com que ocorre cada tema.

Por último, na análise dos dados foram considerados apenas temas ou subtemas com duas ou mais unidades de registo.

III - Resultados

A descrição dos resultados será feita fazendo uma análise comparativa intergeracional. Para uma melhor compreensão, os temas aparecerão a sublinhado e os subtemas a itálico e sublinhado. Cada tema e subtema é acompanhado, ao longo do texto, de extratos dos discursos dos entrevistados, de forma a ilustrar os significados atribuídos pelos participantes ⁵.

Das entrevistas com crianças emergiram 13 temas e 17 subtemas (UR = 239), das entrevistas com pais, emergiram 12 temas e 13 subtemas (UR = 229) e das entrevistas com os avós, também 12, mas 11 subtemas, pelos quais se distribuem 169 unidades de registo.

A figura 1 ilustra os principais domínios, bem como as componentes de bem-estar subjetivo identificadas em cada uma das gerações.

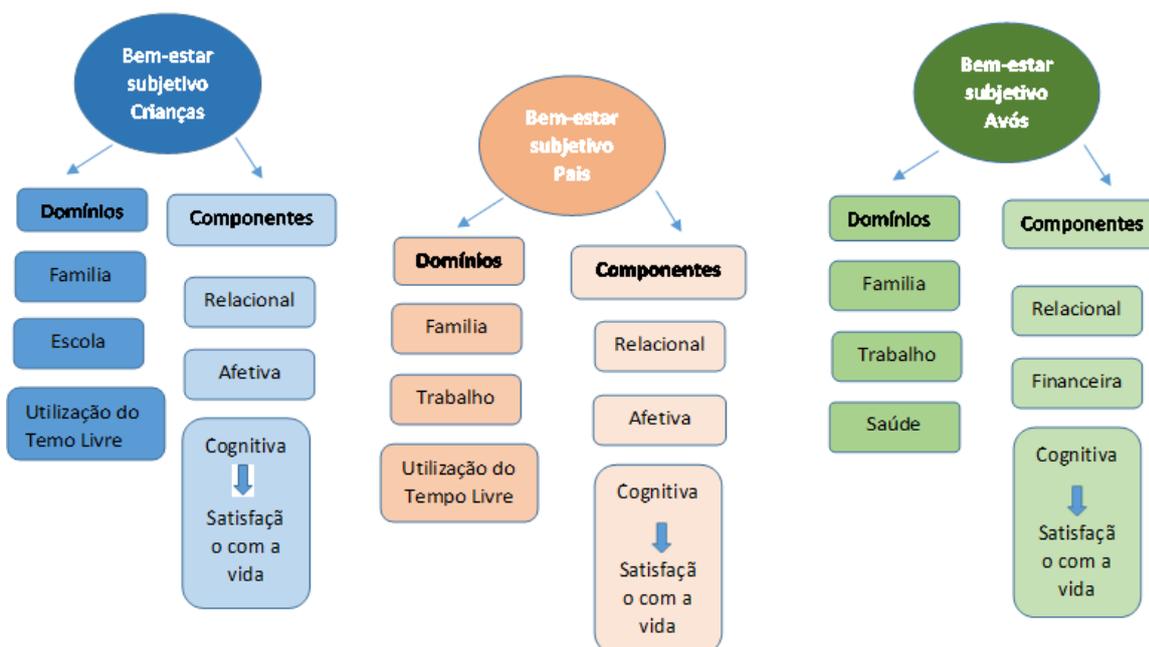


Figura 3.1: Principais domínios e componentes de bem-estar subjetivo emergentes.

Em termos gerais, o Bem-estar Subjetivo é entendido nas três gerações como um constructo multidimensional. Para as crianças e os pais as componentes mais salientes são a componente relacional e a componente afetiva.

Componente Relacional ($N_{crianças}=6$; $N_{pais}=3$):

⁵ Os extratos dos discursos dos entrevistados serão identificados da seguinte forma: crianças são representadas pela letra C; os pais pela letra P e os avós letra A. O número de participantes de cada subgrupo será identificado da seguinte forma $N_{crianças}$, N_{pais} , $N_{avós}$.

“A felicidade para mim é...tipo, estar junto com os meus amigos e a minha família.” (C1); “A felicidade é a minha família” (C4); “Dizia que a felicidade para mim é o amor da minha família.” (C7); “Felicidade para mim...é ajudar uma pessoa, quando uma pessoa precisa.” (C7);

“A minha felicidade é o quê, é ter os meus filhos ao pé de mim, é ter os meus filhos bem...” (P10); “já me senti feliz quando estava com o pai da minha filha, muitas coisas me corriam bem, ainda não, não, não...já tinha planeado a minha filha, mas não tinha acontecido nada, não estava grávida, não estava nada. Sentia-me bem, sentia-me feliz.” (P13).

Componente Afetiva (N_{crianças}=5; N_{pais}=3):

“.....Para mim a felicidade significa estar sempre feliz, não estar triste” (C5); “Felicidade são pessoas que nunca ficam tristes.” (C8); e a presença de emoções positivas: “Sentir-se bem.” (C7); “E a felicidade também é uma coisa, quando as pessoas estão felizes por uma coisa simpática, ou uma coisa...uma coisa sagrada.” (C7);

“Sentires sempre completo é...isso é a felicidade.” (P11); “Estar bem com a vida...” (P15).

Para os avós, a felicidade, enquanto constructo multidimensional, remete também para uma componente relacional e para uma componente financeira:

“Componente Relacional” (N_{Avós}=3): “Felicidade...acho que é o amor...” (A18); “A felicidade é tudo o que agente tem na vida. A felicidade é sentir bem. É...é a família...” (A20).

“Componente Financeira” (N_{Avós} =3): “A refeição, eu tenho refeição, a todo o momento eu tenho refeição.” (A16); “Sou pobre mas sou feliz. Para mim é ter um bocadinho de pão todos os dias.” (A19).

No que ao bem-estar subjetivo diz respeito, das entrevistas emergiram um conjunto de domínios específicos de bem-estar. A Família revela-se o domínio mais expressivo para crianças, pais e avós, seguido da Escola, no caso das crianças, e do Trabalho para as duas outras gerações. Outros domínios parecem ainda ser relevantes: a Utilização do Tempo Livre, particularmente para as crianças e pais, e a Saúde para os avós (Tabela 4 ou 5).

No que à Família diz respeito, em todas as amostras a mesma surge enquanto Fonte de Suporte Emocional (N_{crianças}=8; N_{pais}=7; N_{Avós} =6):

“É a minha mãe. Ela às vezes dá-me mimos...” (C1); “Quando eu fui atropelada. Porque...ela estava a trabalhar, e depois ia a um curso para ter o curso, e depois ia para uma escola para ter a carta de condução, e ela deixou isso tudo para ir ter comigo.” (C2); “Quando eu chumbei de ano, a minha família me apoiou” (C3); “O meu pai, a minha irmã, a minha prima, e a minha mãe. Fazem-me rir.” (C6);

“Às vezes, às vezes quando me acorda, dá-me sempre um beijinho “Mãe, então dormiste bem?”, dá-me sempre um beijinho, e a fazer festinhas, e não sei quê...” (P9); “Não precisam de dar, não precisam de dizer, é simplesmente o convívio, que nós somos muito unidos.” (P10); O que me faz sentir bem, por exemplo quando o meu filho Daniel chega ao pé de mim e dá um beijinho, ele...ele já é carinhoso, mas ele não é muito de mostrar...as vezes não é muito de mostrar. Eu às vezes fico feliz de ele estar a chegar ao pé de mim e dá ali um beijinho...” (P12); “Nos últimos tempos o que me aconteceu mesmo foi o nascimento da minha filha. Ya, eu peguei-lhe, cortei o cordão umbilical...” (P11); “Porque é uma coisa, um momento único, um momento único quando eles nascem.” (P15);

“Ah, pessoas mais importante para mim são as minhas filhas, os meus filhos, os meus familiares. Quando eu estou frontada (chateada, preocupada), as pessoas que me cuidam são eles. (A17); “E o Victor e mesmo coisa, rapazinho meu também é a mesma coisa. Se ficava dois, três, quatro dias sem me ver telefona à irmã a perguntar como é que a mãe está.”(A16); “Ai, tenho o Lucas, eles são todo, com todos sinto-me bem, mas eu tenho um...ah um, o meu último filho, que se me sinto bem não posso...ah, está sempre agarrado em mim.” (A20); “Olha, no dia que nasceram os meus netos. Fiquei, fiquei muito feliz.” (A20); “É, quem que não tem família, acho que...acho que não é assim muito feliz, não é?” (A18).

A família surge também enquanto fonte de *Suporte Instrumental* ($N_{crianças}=5$; $N_{pais}=4$; $N_{Avós}=1$), sendo essa percepção mais expressiva nas crianças e nos pais: “Os meus avós quando eles estão doentes...eles...eles...contractam uma pessoa para vir cuidar de nós.” (C2); “A minha mãe. Que me ajuda a fazer os trabalhos” (C3); “A minha mãe porque me ajuda, todos os dias me dá força, mete a comida na mesa, essas coisas assim...” (C5);

“Se tivesse com dificuldade em encontrar, por exemplo um medicamento para o meu filho, ela era a própria...Olha filha, toma lá, vai lá buscar a carteira da avó, que a avó dá” (P9); “O refúgio deles sou eu, e o meu refúgio é, são eles” (P10);

“Toda a família...eu fico doente e elas está a levar comida até chorar, comer, fazer tudo... (A21).

Apesar de assumir uma *Centralidade* especial para as crianças e seus pais ($N_{crianças}=6$; $N_{pais}=7$) – “A minha família. Mas o que me importa mais é a minha mãe, e os meus irmãos, e

a minha avó.” (C1); “O meu pai é importante para mim.” (C6); “Agora já não tenho mais nada assim tão importante, a não ser o meu filho...” (P9); “As pessoas mais importantes para mim são os meus filhos, tenho dois filhos, e o meu pai...”(P13); “O que será mais importante...o que é mais importante para mim é os filhos, é a família.” (P10) – para os pais e avós, o bem-estar associado a este microssistema surge também ligado à vivência de um Amor Companheiro (N_{pais}=6; N_{Avós} =2), sendo no entanto este ponto mais expressivo para os pais: “De...depois de eu ver o parto da...da minha mulher, a minha mulher também me faz sentir bem, esqueci-me...” (P11); “Que me fazem sentir melhor...o meu namorado.” (P13); “Às vezes eu vou querer ser dura, “ah não, não sinto, não sinto, não sinto”, mas sinto porque é assim, temos momentos maus, mas também temos momentos bons, momentos bons que me faz sentir bem.” (P15); “Entrevistador: E assim as pessoas, quais são as pessoas que a fazem sentir melhor, das que estão assim à sua volta, quais são as que....? Participante - Os meus filhos, netos, marido.” (A18); “Entrevistador: Assim...há alguém...há alguém mais...os mais próximos, como é que é? Quem é que é? Participante: - É a mulher, os filhos e os netos.” (A20).

Para os pais e avós, a Família surge também associada ao Papel de Cuidador que exercem dentro da família (N_{pais}=4; N_{Avós} =3): “Posso não ter para mim, mas para o meu filho não pode faltar, eu às vezes penso isso.” (P9); “Exatamente, o simples facto de eu poder dar aos meus filhos o que eles pedem, para mim...” (P10); “Não dou-lhe um luxo total, mas dou-lhe tudo o que posso, não lhe falta nada, estás a ver? Ya.” (P11); “...cuido da roupa deles, e....falo com eles...coisas que é bom e coisas...coisas que é má...(A17); “...era ter um dinheiro assim...em quantidade, para manifestar a minha família, ajudar a minha família. “(A16); “Pode ser ter a minha família com saúde.”(A19).

No que ao tema Escola diz respeito, a mesma é vista enquanto espaço de Aprendizagem (N_{crianças}=6): “O mais importante na escola é estar a aprender a história de Portugal” (C1); “Os meus livros de escola. Ajudam-me a relembrar o que eu já fiz na escola.” (C2); “Porque assim quando eu ser grande já sei as...fazer as coisas.” (C8), promotora de sentimentos de Autoeficácia (N_{crianças}=1): “Eu sou....tenho capacidade para estudar, esforçar muito...” (C7); “Ter passado de ano...ter passado de ano três vezes.”(C7).

Por outro lado, se para os avós o Trabalho é visto sobretudo como Sustento/Independência (N_{Avós} =3): ”Temos as nossas contas, e é bom de trabalhar, que é para pagar as dívidas, não é?” (A18); “Sim Sra., porque sem trabalho não dá nada, para estar à

espera de quando dão as esmolas, que é uma esmola que eles vão dar, deixem-me trabalhar.” (A20), para pais e crianças o Trabalho e a Escola, respectivamente, encontram-se sobretudo associados a *Emoções Positivas* (N_{crianças}=4; N_{pais}=5): “O momento que me sinto melhor é na escola, na escola. Porque tem os meus amigos, os meus professora que me ajudam, tem lá muitas coisas.” (C3); “É mesmo só o trabalho, eu gostava daquele trabalho mesmo....” (P9); “Gosto do meu trabalho porque trabalho com jovens que, estás a ver, como é que eu posso dizer, com jovens que...”(P11); “É porque sou empregada do refeitório, e isso é que eu monto a sala onde eles comem, e quando chega aquela hora do almoço, do lanche, eu estou-me sempre a rir com eles, com os colegas, brincar, divertir.” (P15).

Tal como referido anteriormente, os *Amigos* assumem também uma grande expressividade nas crianças e nos seus pais, em particular, sendo em ambos os casos percebidos enquanto *Suporte Emocional* (N_{crianças}=5; N_{pais}=4): “Aquilo que também mais gosto, é estar com as minhas amigas.” (C1); “Os meus amigos porque posso contar com eles, as minhas amigas e os meus amigos posso contar com eles em qualquer altura....dão-me...deixam-me tranquilo assim para fazer as coisas.” (C5);

“Assim na rua sei que estou bem, estou a conviver com as minhas amigas....” (P9); “Ya, tipo os meus amigos fazem-me sentir bem, estás a ver?” (P11).

No caso específico das crianças os amigos encontram-se associados a *Brincadeira e Partilha de Atividades* (N_{crianças}=3): “Ai gosto mais de brincar com os meninos, normalmente com os meus três melhores amigos....” (C1); Gosto de ficar com eles a jogar à bola, de brincar com eles...” (C5).

A *Comunidade/vizinhança*, assume também um papel de destaque para as crianças e os seus pais (N_{pais}=3): “Tipo ya, o bairro, a minha história é bué de...bué de...como é que eu posso dizer...eu sou mesmo aqui do bairro mesmo, sou uma das raízes do bairro, estás a ver?” (P11); “Estava dentro do bairro, que eu gosto de estar dentro do bairro, estava aqui dentro do bairro, e estava com toda a gente do bairro. Sentia-me mesmo bem lá.” (P13); “Ya,e...tipo as pessoas me fazem sentir bem é...as pessoas do meu bairro fazem-me sentir bué bem, estás a ver?” (P11). As crianças vêm na Comunidade um *Espaço Lúdico e Prazeroso* (N_{crianças}=5): “Porque gosto de estar feliz, porque em casa às vezes não se faz nada, então vou para a rua, para ver se tem alguma coisa para fazer, e depois fico a passar o tempo lá.” (C5); “Este sítio (Spot). Porque posso jogar pingpong, xadrez, e fazer atividades.” (C6). Apesar de para as crianças, em particular, a comunidade poder ser vista enquanto um espaço de algum risco: “Morava aqui, mesmo se tem bandidos, morava aqui.” (C1), assume maior expressividade a

Apropriação de Lugar ($N_{\text{crianças}}=5$): “Ficou lá comigo, perguntou-me o que é que tinha-se passado, e depois ligou ao meu avô e vieram lá pessoas. E depois eles juntaram dinheiro para comprar os meus medicamentos.” (C2); “As lembranças, cresci aqui.” (C5).

Como mencionado anteriormente, a Utilização do Tempo Livre assumem, também, um papel importante no bem-estar de pais e crianças e constituem-se como atividades variadas ($N_{\text{crianças}}=7$; $N_{\text{pais}}=7$): “[Ah, porque é que eu gosto de estar lá?] Porque eu...porque eu gosto de tocar, eu sempre quis tocar...” (C1); “Principalmente gosto de ir para o MacDonalds.” (C3); “Jogar na playstation, ver televisão, dormir.” (C5); “...sinto-me muito feliz quando meto as unhas, e arranjo o meu cabelo, gosto muito, faz-me muito bem-estar arranjada, gosto.” (P10); “...gosto de cantar. Ya, eu o meu lado tipo que eu posso dizer tudo o que eu quero.” (P11); “Estar num canto a ler sossegada, estar no meu cantinho já é bom.” (P14).

No caso dos avós, o subtema Saúde surge como mais expressivo ($N_{\text{Avós}}=5$): “Saúde que eu acho que é mais importante na nossa vida, porque sem saúde...” (A18); “Dinheiro e saúde, porque sem saúde não é nada.” (A20); “...tratamento de doença, tem médica graças a Deus no hospital, tanto de vista, como de diabete, tenho médico impecável. Por isso, não tenho diferença...” (A21).

Para as crianças, destaca-se ainda a possibilidade de Ajudar os Outros ($N_{\text{crianças}}=3$): “Gosto de ajudar as pessoas quando, nos momentos bons e nos maus.” (C7); “Ajudo alguém que precise.” (C7); “E quando uma pessoa aleija e eu digo “não, vou ficar aqui a brincar”, mas não, vou ter com elas para...ajudar” (C2).

Os Bens Materiais são fonte de bem-estar para os pais e avós ($N_{\text{pais}}=6$; $N_{\text{Avós}}=4$): “O meu carro é bonito, gosto de carros bonitos.” (P11); “O meu telemóvel. Não consigo ficar sem bateria....não consigo.” (P13); “Telemóvel. Sem comunicar não dá.” (P14); “Muito, lutei muito para conseguir ter esse espaço, ainda estou a lutar agora, que agora ainda não concretizei o meu sonho. Eu quando concretizar o meu sonho, quando eu tiver as obras feitas, e tenho o café pago.” (A17); “Diz assim que o dinheiro não faz felicidade à pessoa, mas orienta.” (A16); “O que me falta na minha vida, é ganhar euromilhões...” (A18).

A Religião destaca-se também para estas duas amostras mas de forma menos expressiva ($N_{\text{pais}}=3$; $N_{\text{Avós}}=3$): “...temos um segredo, e agente não consegue partilhá-lo com ninguém, agente vai à igreja, fala com Deus, se for preciso não fala com mais ninguém, fala com Deus, parece que já partilhámos, e Ele ajuda, ele sempre ajuda, ajuda sempre.” (P10);

“Quando vou à igreja. Quando vou ali ao Domingo sinto-me bem.” (P12) “...quando eu vou para a igreja, para o ensaio. É, quando eu canto, solto, e deito tudo para fora.” (P15); “Depois que eu...cumprir a minha promessa...Ficou em paz, e até as coisas estou a sentir muito melhor.” (A18); “- Por acaso...eu...minha mãe, não teve mais ou menos, pode-se dizer assim, que ela não tinha condição para fazer baptismo. E eu fiquei, vou até grande, não chegou de fazer baptismo. Mas eu aqui, fez baptismo aqui.” (A21);

Para os avós emerge ainda como relevante o subtema Tarefas Diárias, que são sobretudo tarefas domésticas ($N_{Avós} = 5$): “Gosto, gosto de fazer comida, gosto de cozinhar.” (A16) “Ai eu prefiro estar em casa a fazer comer, e fazer qualquer coisa, e passar o ferro também que eu gosta muito, eu adoro também...” (A20); “Toda a coisa que eu faço eu sente contente, porque se eu lavar prato, eu sinto contente, se eu tomar coisa e levar para casa eu fico contente, todo o trabalho que eu faço eu fico contente.” (A21).

Apesar da relevância que os domínios descritos assumem, a Satisfação com a Vida parece estar relacionada sobretudo com uma Dimensão Familiar e Financeira, para as três gerações ($N_{crianças}=5$; $N_{pais}=4$; $N_{Avós} =6$):

“A casa. Mudava...mudava coisas. Algumas coisas velhas, que eu tenho lá.” (C4); “Mudava para morar noutra sítio.” (C5); “Mudava....a família. Fazia mais...criava mais pessoas.” (C7); “Conseguia...fazia muito dinheirooooo...para agente conseguir pagar a renda todos os dias.” (C8).

“Quer dizer, dava uma vida melhor ao meu filho, aquilo que ele não tem agora, porque também não tem possibilidades para isso, e...mudava a vida à minha mãe também coitadinha não é, maneira de falar.” (P9); “Saía daqui do bairro.” (P14); “Voltar a trabalhar...mas no mesmo trabalho.” (P13)

“Não sei, eu acho que...o que eu disse que sentia-me muito mais feliz é...é sobre o...o meu café. Se eu conseguir concretizar o meu sonho, a coisa que me fazia ficar mais feliz é essa. Era pago, e ter as obras completas.” (A17); “Comprava a minha casa própria.” (A16).

Apesar de menos expressiva, a satisfação com a vida surge associada ao Autoconceito e aparência, nas crianças e nos seus pais ($N_{crianças}=2$; $N_{pais}=2$): “Mudava algumas pessoas, por exemplo eu, mudava o meu aspecto...aspecto de ser.” (C3); “Mudava o meu estilo, mudava...mudava o meu...a minha realidade, o meu coração.” (C7); “Mudava muita coisa em mim também.” (P9); “Mudava eu mesma também, não é” (P15). Para os avós a satisfação com a vida parece passar pelo Regresso às origens ($N_{Avós} =3$):, visto esta ser uma amostra composta, quase na totalidade, por imigrantes na 3ª geração: “Voltava, talvez lá na minha

terra eu tinha mais pessoas para me ajudar, uma pessoa aqui sozinha tem de fazer tudo...”

(A17); “Se eu tivesse maneira, eu arranjava dinheiro, faz casa na minha terra, e vai embora.”

(A21).

Categoria	Total de UR	UR Crianças	Ncrianças	UR Pais	Npais	UR Avós	NAvós
<i>Família</i>	269	81	8	113	7	75	6
<i>Escola / Trabalho</i>	71	29	6	25	7	17	4
<i>Utilização do Tempo Livre</i>	51	<u>26</u>	<u>7</u>	<u>20</u>	7	5	3
<i>Saúde</i>	14	2	2	2	<u>1</u>	<u>12</u>	<u>5</u>

Quadro 3.1: *Distribuição das UR por gerações nos temas mais relevantes*

Finalmente, é possível observar um padrão geracional, dado os indivíduos de uma mesma geração destacarem, ou valorizam os mesmos temas, como por exemplo todos os pais terem falado de Família, Trabalho, e Utilização do Tempo Livre (Quadro 3.1). Na mesma tabela é possível observar, também no caso das crianças, que todas abordam o tema família e que a grande maioria fala da Escola e da Utilização do Tempos Livre. Também no caso dos avós é observável um padrão geracional visto que todos os participantes mencionam o tema Família, e a grande maioria valoriza a Saúde e o Trabalho (Quadro 3.1). Observa-se também um padrão intergeracional, como foi analisado ao longo do texto, visto que se encontram pontos comuns tanto nos domínios mais relevantes como nos menos relevantes quando se comparam as três gerações, em especial relativamente aos dois temas de destaque, Família e Escola/ Trabalho.

IV - Discussão

O presente estudo teve como objetivos explorar o bem-estar subjetivo numa perspectiva intra e intergeracional, analisando, por um lado em que medida os significados atribuídos ao bem-estar se assemelham e se distinguem entre pessoas de uma mesma geração ou de gerações diferentes, mas de uma mesma estrutura familiar. Apesar de existirem estudos (Diener e Suh, 1997; Mroczek e Spiro, 2005) que têm procurado analisar o bem-estar ao longo do ciclo de vida, desconhecem-se pesquisas que tenham feito uma análise sistémica

Os resultados demonstram que o bem-estar subjetivo é entendido como um constructo multidimensional por pais e crianças, e que inclui uma componente relacional, e uma componente afetiva, o que vai de acordo à pesquisa realizada neste campo (OECD, 2013; Stiglitz et al.,2010; Ress et al., 2010; Diener e Scollon, 2003). A presença da dimensão relacional, que acaba por emergir também nas entrevistas aos avós, pode ser explicada pela cultura. Marsella (2010, citado por Exenberger e Juen, 2010) afirma que esta parece ter influência na forma como o sujeito compreende a realidade, bem como na forma como a experiência, conseqüentemente na sua interpretação de felicidade e bem-estar. Em culturas mais individualistas, os componentes associados ao bem-estar são mais pessoais (objetivos pessoais, autoconceito), enquanto que em culturas coletivistas as relações sociais e familiares podem estar mais associadas com este conceito (Lasch, 1999). As culturas individualistas dão ênfase à autonomia e motivos do próprio, enquanto as coletivistas dão mais importância à comunidade e pertença grupal na definição do próprio indivíduo (Galinha, 2008). As famílias que compõem a amostra do presente estudo têm, como mencionado anteriormente, origem africana. De acordo com Diop (1980), a população do continente africano tem, entre as suas características primordiais, o coletivismo. Sabe-se que o individualismo e o coletivismo não devem ser vistos como polos opostos (Kagitcibasi, 1996), no entanto, os países em desenvolvimento, como é o caso de alguns países africanos entre os quais se encontram os a que estes participantes pertencem, são habitualmente mais ligados a valores coletivistas (Triandis 1995; Nelson e Shavitt, 2002). Desta forma é possível que estas famílias, pelas suas origens africanas, estejam mais diretamente relacionadas com os valores coletivistas.

Como domínio de bem-estar mais expressivo para as três gerações, emerge a família, com bastante destaque em relação aos restantes temas, o que está de acordo com os resultados obtidos por Delle Fave e colegas (2011), por exemplo, que através de um estudo que reuniu análises qualitativas e quantitativas, com participantes de países europeus, Austrália e África

do Sul, conclui que dos diferentes domínios de vida, a família é o que mais se destacava como associado à felicidade. Vai também ao encontro dos dados do relatório “Children’s Society” (2012) onde se conclui que as relações com a família são o precursor mais importante do bem-estar subjetivo nas crianças. Strózik, Strózik e Krzysztof (2015), num estudo recente sobre o bem-estar subjetivo de crianças em idade escolar, concluem que o domínio de vida com que as crianças se encontram mais satisfeitas é a vida familiar, o que, juntamente com pesquisas anteriores (ex., Casas et al., 2013) vem reforçar a ideia de que se trata, de facto, de um domínio de crucial importância para o bem-estar infantil. Importa ainda ter em consideração a composição da amostra do presente estudo; tal como explicitado anteriormente, todos os participantes têm origem em países dos PALOP, apesar de, para a maioria das crianças e jovens, a relação com os pares representar um papel central no desenvolvimento do seu bem-estar, para as crianças e jovens de grupos étnicos minoritários, a satisfação familiar parece exercer o papel central (Unger, Ritt-Olson, Teran, Huang, Hoffman, e Palmer, 2002).

O domínio familiar emerge como fonte de suporte emocional e instrumental para as três subamostras. Muitos são os autores que defendem o suporte emocional e instrumental como duas formas distintas de suporte social (ex., Beehr e McGrath, 1992; McIntosh, 1991; Rodriguez e Cohen, 1998). Visto que a família está entre as principais fontes de suporte social (Beehr, 1985), e conseqüentemente suporte emocional e instrumental (Caplan, 1976), os resultados vão de acordo à investigação que revela também, que estes tipos de suporte estão relacionados com níveis mais elevados de saúde e bem-estar (Beehr e McGrath, 1992; Vaux, 1988).

A relevância que assume o papel de cuidador junto de pais e avós pode ser explicada pela teoria da identidade-papel (Stryker, 1980). De acordo com esta teoria quando o indivíduo assume um papel social, internaliza as expectativas comportamentais associadas ao mesmo como parte da sua identidade. Cada papel que a pessoa assume (ex., mãe, esposa, cuidadora) vem acompanhado de uma identidade social (i.e., significado e valor atribuído a essa pertença) e de expectativas comportamentais (i.e., um conjunto de papéis e funções associadas). A combinação destas identidades é a base para a construção do eu do indivíduo. De acordo com esta teoria, quanto maior a competência e facilidade do indivíduo em preencher todas as expectativas comportamentais internalizadas relacionadas com estes papéis, maior a probabilidade da pessoa exibir uma elevada autoestima e uma maior percepção de bem-estar (Stryker, 1980). Adicionalmente, a maioria dos pais considera o

cuidar da criança e da família, uma função com significado e prazerosa (Umberson e Gove, 1989).

Ainda dentro deste domínio destaca-se a importância da vivência de um amor companheiro para as duas gerações de adultos, o que vai de encontro aos dados que destacam a importância do casamento e das relações amorosas para o perfil do indivíduo feliz (Argyle, 1999; Diener e Lucas, 2000; Seligman, 2002). De acordo com todos estes autores, pessoas casadas ou a coabitar com um parceiro relatam níveis mais elevados de felicidade do que as restantes.

A família encontra-se também presente quando se fala de satisfação com a vida (Statham e Chase, 2010) visto esta última estar relacionada, para as três gerações, com um dimensão familiar e financeira. Esta componente mais cognitiva do conceito de bem-estar surge também ligada, ainda que com menor expressividade, ao autoconceito no caso de pais e crianças. Segundo Bradshaw, Martorano, Natali e Neubourg (2013), a satisfação com a vida é bastante relevante porque se relaciona com resultados positivos (ex., competência social), a curto e longo termo.

Para além do domínio familiar, a escola surge como o domínio mais expressivo para as crianças, tal como se tem verificado noutras pesquisas (Bradshaw et al., 2013). De acordo com estes autores, a seguir à família, a escola é o ambiente mais importante para as crianças, o contexto escolar e a relação com os colegas são importantes determinantes da felicidade. Adicionalmente, os dados qualitativos permitem perceber que se trata de um contexto percebido como local privilegiado para as aprendizagens e promotora de sentimentos de autoeficácia. A escola, bem como a família são ambos microssistemas da vida da criança, desta forma, estes resultados vão de encontro ao modelo ecológico de Bronfenbrenner (1977), que aponta o microssistema como o nível mais relevante e com maior impacto para as mesmas (Bradshaw, et al., 2006). A relevância dos microssistemas pode estar relacionada com os processos proximais – interações no ambiente imediato da criança-, que de acordo com Bronfenbrenner e Morris (1998), parecem estar entre as principais fontes de influência no desenvolvimento da criança. Por seu lado, o trabalho é, depois da família, o domínio mais relevante para pais e avós, tal como em estudos anteriores (Stiglitz et al., 2010; OECD, 2013); a informação qualitativa do presente estudo permite no entanto compreender em mais detalhe este contexto para as duas gerações: se para os pais o trabalho se encontra associado a emoções positivas (ex., alegria; satisfação, estimulação, desafio), para a geração dos avós este

é visto sobretudo como forma de sustento/independência. Esta diferença pode ser explicada pelo facto das gerações diferirem em termos de valores, objetivos e expectativas em relação ao trabalho (Cennamo e Gardner, 2008). De acordo com Elizur (1984), é possível distinguir entre valores extrínsecos ou consequências do trabalho (ex., salário, segurança financeira), e valores intrínsecos ou que ocorrem durante o processo de trabalho (ex., estimulação intelectual, desafio). Neste sentido, na presente amostra, os avós parecem relacionar o trabalho com valores extrínsecos, enquanto os pais o relacionam mais com valores intrínsecos. Este padrão pode dever-se ao facto do trabalho ser fundamental para o desenvolvimento pessoal e reconhecimento pessoal, conforme o indivíduo vai envelhecendo e atinge a idade da reforma, é por vezes desvalorizado pela sociedade e considerado pouco produtivo desta forma o trabalho enquanto fonte de reconhecimento pessoal, oferece ao indivíduo alguma independência e utilidade, permitindo que este não esteja dependente de possíveis valores que receba do estado, ou ajudas vindas da família, e sinta que ainda tem uma função na sociedade. Por outro lado os avós são muitas vezes o provedor do agregado familiar (Bulla e Kaefer, 2003), o trabalho permite o acesso a rendimentos que permitem ao indivíduo sustentar o seu agregado em termos, por exemplo, de alimentação ou educação (Bastos, Pinho, & Costa, 1995).

Para as crianças e os seus pais revelou-se também importante a forma como utilizam o seu tempo livre, enquanto que para os avós a saúde emerge como o domínio de bem-estar subjetivo mais relevante (Stiglitz et al., 2010). De acordo com o relatório de 2013 da OCDE, as pessoas põem a saúde, juntamente com o trabalho, em primeiro lugar nos fatores que afetam a sua condição de vida. A saúde revela-se importante em si, mas também factor base para atingir outras dimensões de bem-estar, como trabalhos melhores ou ao nível da socialização. Estas diferenças – valorização dos tempos livres (pais e crianças) e valorização da saúde (avós) - podem ser explicadas à luz das teorias do desenvolvimento humano. Atualmente nas sociedades ocidentais as atividades sociais são direcionadas de acordo com a idade ou período da vida em que o indivíduo se encontra. As sociedades estruturam o tempo de acordo com três períodos em relação ao trabalho: um segmento inicial relacionado com a educação e aprendizagem para o trabalho; um segmento médio dedicado à atividade laboral contínua; um segmento final direcionado à reforma e lazer (Riley, Kahn e Foner, 1994). O grau de estruturação do tempo pode, portanto, variar de acordo com a idade, por exemplo o indivíduo que trabalha tem de negociar o seu período de férias (Mortimer e Shanahan, 2004), o que não sucede com quem se encontra reformado, que tem, à partida, total controlo sobre o

seu tempo livre. À medida que o indivíduo envelhece, passa mais tempo em atividades que contribuem para o seu bem-estar (Charles e Carstensen's, 2009). Por outro lado, o avançar da idade, compromete não só as capacidades físicas, mas também as mentais, o que torna indivíduo menos autossuficiente do que era na juventude. Além disto, é natural que experienciem com alguma frequência a morte de amigos e ente queridos (Williams, 1977). Estas questões poderão estar na base de uma possível explicação para a maior valorização do domínio da saúde na terceira geração desta amostra.

Por seu lado, os amigos assumem alguma expressividade para pais e crianças, emergindo como fonte de suporte emocional em ambos os casos. Para as crianças revelam-se também parceiros de brincadeira e partilha de atividades. Garcia (2005) concluiu, num estudo sobre relacionamentos de amizade na infância, que para as crianças as amizades servem como processo de socialização, desenvolvendo processos de relacionamentos sociais e suporte social. Argyle (2001) aponta a relevância dos amigos para o bem-estar, destacando a família, o romance e a amizade como as três formas de relacionamento mais associadas com a felicidade. De acordo com Kim, Sherman e Taylor (2008), os amigos provêm suporte social, conceito que inclui três funções, nomeadamente: suporte emocional, como se verificou na presente amostra; suporte instrumental; e suporte informativo (Lazarus e Folkman, 1984; Rodriguez e Cohen, 1998).

Outro domínio relevante para estas duas amostras é a comunidade, que emerge como espaço lúdico e prazeroso para as crianças, associada a uma apropriação de lugar, relativamente a este contexto, o que pode denotar a importância do enraizamento destas crianças (Moles e Rohmer, 1998). A interação destas com a comunidade é ela própria um processo associado à construção da sua identidade e, ao mesmo tempo têm um papel ativo na construção deste contexto (Mourão e Cavalcante, 2006).

No caso das crianças destaca-se, por fim, a possibilidade de Ajudar os Outros, que pode estar ligado a um percepção de bem-estar psicológico, no sentido do que a criança experiencia quando ajuda esta a ajudar, ou seja, a atingir o objetivo de fazer o outro sentir-se melhor de alguma forma. Se tivermos em conta que o bem-estar psicológico está relacionado com superação de desafios, relações positivas, domínio do meio, autonomia, propósito de vida e crescimento pessoal (Ryff, 1989). A ajuda prestada pela criança pode ser olhada, precisamente, como um desafio, e como um processo de crescimento pessoal.

Para os avós a satisfação com a vida relaciona-se ainda com a possibilidade de regresso às origens, tema que emerge do facto desta ser uma amostra composta quase na totalidade por imigrantes na geração dos avós. O facto deste tema emergir apenas na terceira geração poderá estar relacionado com questões de identidade cultural – termo relacionado com o autoconceito coletivo que deriva do indivíduo ser membro de um determinado grupo cultural (Sussman, 2000) e social, ou seja, a parte do autoconceito dos indivíduos que deriva do reconhecimento da sua pertença a um determinado grupo social, e do significado emocional dessa pertença (Tajfel, 1981). O mesmo autor afirma que o ser humano procura a identidade social através de processos de categorização social, que permite aos indivíduos estruturar o meio social, e definir o seu lugar nele (Tajfel, 1982). De acordo com Machado (1994), os filhos de imigrantes, não são imigrantes em si, a maioria nem sequer conhece o seu país de origem. O facto de nascerem e crescerem no país de acolhimento alimenta a influência de contextos como a escola, ou as redes sociais juvenis, sendo a sua cultura produto desta influência, independentemente da importância da sua família como espaço de reprodução da cultura de origem. De acordo com o mesmo autor, a quantidade de tempo que os imigrantes vão permanecendo em Portugal pode ser para a 1ª geração de imigrantes apenas um adiamento do regresso ao país de origem, no entanto para as gerações descendentes transforma-se num processo de não-regresso ao mesmo. A maioria dos imigrantes de segunda geração não regressa ao país de origem mesmo que os pais o façam (Neto, 1986). Estes factos podem explicar o desejo de regresso às origens manifestado pela geração dos avós, que não se verificou em nenhuma das outras gerações, que são neste caso segunda e terceira geração de imigrantes.

Em termos globais, os resultados aqui explicitados vão ao encontro do modelo de bem-estar subjetivo de Diener, Scollon e Lucas (2003), que conceptualiza este conceito como um constructo multidimensional, composto por uma componente afetiva, uma componente cognitiva de avaliação global, que inclui a satisfação com a vida, e a existência de domínios de satisfação (ex., família, trabalho, saúde). Esta conceptualização é partilhada por diversos autores e estudos (Rees et al., 2010; Diener e Scollon, 2003; Diener, Suh, Lucas, e Smith, 1999).

O presente estudo permitiu detalhar com maior profundidade esta conceção de bem-estar, pelo acesso que proporcionou a dados qualitativos, e especificamente ao significado atribuído aos principais domínios. Os domínios emergentes como mais relevantes para os adultos vão, na sua maioria, de acordo aos mais utilizados atualmente na avaliação deste

constructo, especialmente em índices de bem-estar, a nível de estudos quantitativos (OCDE, 2011; Beaumont, 2011). Na amostra das crianças, os domínios mais relevantes vão também de encontro aos mais utilizados no estudo desta temática junto das mesmas (Pollard e Lee, 2003; Rees et al., 2010; Rees et al., 2009; UNICEF, 2013). No entanto este trabalho permitiu ir mais longe no sentido de compreender de que forma os domínios são relevantes, visto que acedeu a conteúdos mais específicos dentro desses domínios. A família, por exemplo, é relevante no sentido principal de oferecer suporte emocional. E no caso de pais e avós é interessante a relevância que tem para estas gerações o papel de cuidador que exercem. Das pesquisas anteriores é possível concluir que a escola e a comunidade são domínios relevantes para o bem-estar subjetivo das crianças, no entanto com o presente estudo compreendeu-se que a primeira é especialmente importante por ser um local de aprendizagem, e a segunda levanta a questão da apropriação.

É possível, por tanto, observar um padrão geracional, visto existir uniformidade entre pessoas da mesma geração relativamente aos componentes do bem-estar subjetivo, e da satisfação com a vida, bem como relativamente aos domínios maior influência no bem-estar. Este padrão pode ser explicado pela afinidade entre indivíduos de uma mesma geração relativamente às suas experiências e formas de ver o mundo (Mannheim, 1982).

Existe também um padrão entre gerações, as três destacam a família e a escola/trabalho como domínios mais relevantes. Concordam ainda relativamente ao facto do bem-estar subjetivo ter uma componente relacional, e da satisfação com a vida ter uma dimensão familiar e financeira. Este padrão intergeracional é mais vincado entre pais e crianças, visto concordarem ainda: relativamente à relevância para o seu bem-estar da forma como passam o seu tempo livre; relativamente à felicidade incluir uma componente afetiva, para além da componente relacional; e à ligação do autoconceito à satisfação com vida. Dumazedier (1992) explica que existe uma transmissão mútua de conhecimentos entre gerações, em contextos como trabalho, família, relações sociais, ou até de lazer. O que pode explicar a emergência deste padrão, visto que esta troca de saberes implica uma partilha de modos de sentir, agir, pensar, que influencia a forma de olhar e construir o mundo e as pessoas. Desta forma é natural uma possível partilha interesses e opiniões entre gerações (Carvalho, 2007).

O facto deste estudo ter sido realizado junto de uma população específica, em que todas as famílias têm origem nos países PALOP deve ser tida em conta, na generalização do

resultados, visto que para outro tipo de população poderá existir alguma variação dos mesmos. A dimensão da amostra, que é relativamente pequena, implica também alguma moderação na generalização destes resultados. Importa, no entanto, referir que a dimensão da amostra está relacionada com a saturação da mesma. Visto que a um certo ponto da recolha de dados, os temas emergentes eram repetidos, considerou-se desnecessário acrescentar mais participantes. Em estudos futuros seria interessante a utilização de uma amostra mais heterogénea, e composta por maior número de indivíduos.

Explorar o conceito de bem-estar é relevante para as políticas governamentais e para o público em geral. Permite identificar novas possibilidades para o desenvolvimento de novas abordagens políticas ou melhorar as existentes. Isto porque, para melhorar as políticas existentes é necessário compreender o que os indivíduos consideram uma “vida melhor”, o que implica aceder às perceções de bem-estar dos mesmos. Avaliar o bem-estar permite ainda compreender as necessidades de grupos mais vulneráveis (idosos, grupos minoritários), pois possibilita compreender o suporte de que precisam (OECD, 2013).

O bem-estar subjetivo vem complementar as medidas de bem-estar existentes, enfatizando a visão dos indivíduos e as suas preferências, permitindo compreender o impacto das condições de vida nas perceções e sentimentos do indivíduo. Principalmente, permite capturar aspectos do bem-estar que são difíceis de compreender através de medidas quantitativas. Por outro lado, aceder aos dados de forma qualitativa, permite compreender se as medidas atualmente utilizadas para avaliar e descrever este conceito correspondem às perceções dos indivíduos sobre o seu bem-estar (OECD, 2013). Estudá-lo a nível intergeracional permite compreender as diferenças e comunalidades entre gerações, podendo ser um passo para desenvolver políticas específicas para cada grupo, ou ser útil a programas que pretendam a aproximação de gerações (ex., idosos-crianças).

Bibliografia

- Andrews, F. M. & Withey, S. B. (1976). *Social indicators of well-being*. New York: Plenum Press.
- Argyle, M. (1999). Causes and correlates of happiness, in Kahneman, D., Diener, E., & Schwarz, N. (eds.). *Well-being: The foundations of hedonic psychology*. New York: Russell Sage Foundation.
- Argyle, M. (2001). *The psychology of happiness* (2ª ed.). Nova York: Taylor & Francis.
- Averill, J. & More, T. (1993). Happiness. In M. Lewis & J. Haviland (Eds.), *Handbook of emotions*. New York: The Guilford Press.
- Bandura, A. (1963). The role of imitation in personality development. *The Journal of Nursery Education*, 18, 3, 207-215.
- Bandura, A., & McDonald, F. J. (1963). Influence of social reinforcement and the behavior of models in shaping children's moral judgment. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 67, 3, 274-281.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. L.A. Reto. & A. Pinheiro, Trad.) Lisboa: Edições 70. (Obra Original Publicada 1977)
- Bastos, A.V. B., Pinho, A. P. M. & Costa, C. A. (1995). Significado do trabalho: um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais. *Revista de Administração de Empresas*, 35 (6), 20-29.
- Beaumont, J. (2011). Measuring national well-being: a discussion paper on domains and measures. *Office for National Statistics*.
- Beehr, T. A. (1985). The role of social support in coping with organizational stress. In T. A. Beehr & R. S. Bhagat (Eds.), *Human stress and cognition in organizations: An integrated perspective*. 375-398). New York: Wiley.
- Beehr, T. A., & McGrath, J. E. (1992). Social support, occupational stress and anxiety. *Anxiety, Stress, and Coping*, 5, 1-19.
- Ben-Arieh, A. (2005). Is the study of the “State of our children” changing? Re-visiting after 5 years. *Child and Youth Services Review*, 28, 799-811.

- Ben – Arieh, A. (2005/b). Where Are The Children? Children’s Role In Measuring and Monitoring Their Well-Being. *Social Indicators Research*, 74, 573–596.
- Ben-Arieh, A. (2006). Measuring and monitoring the well-being of young children around the world. “Paper commissioned for the EFA Global Monitoring Report 2007, *Strong foundations: early childhood care and education*.
- Ben-Arieh, A. (2012). How do we measure and monitor the “state of our children”? Revisiting the topic in honour of Sheila B. Kamerman. *Children and Youth Services Review*, 34, 569–575.
- Boehnke, K. (2001). Parent–offspring value transmission in a societal context: Suggestions for autopian research design—with empirical underpinnings. *Journal of Cross Cultural Psychology Special Issue: Perspectives on Cultural Transmission*, 32, 241–255.
- Borges, C. C. & Magalhães, A. S. (2011). Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. *Estudos de Psicologia*, 16, 171-177.
- Bradshaw, J., Hoelscher, P., & Richardson, D. (2006). Comparing child well-being in OECD countries: concepts and methods. Florence: UNICEF.
- Bradshaw, J. & Richardson, D. (2009). An Index of Child Well-Being in Europe. *Child Indicators Research*.
- Bradshaw, J., Martorano, B., Natali, L. & Neubourg, C. (2013). Children’s Subjective Wellbeing in Rich Countries. *Working paper 2013-03*. Florence: UNICEF Office of Research.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an Experimental Ecology of Human Development. *American Psychologist*, 513-531.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the Family as a Context for Human Development: Research Perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 6, 723–742.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon & R. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development*, 5, 1. New York: Wiley.

- Bulla, L. C., & Kaefler, C. O. (2006). 11. Trabalho e Aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. *Textos & Contextos*, 2(1), 1-8.
- Campbell, A., Convergence, P. E. & Rodgers, W. L. (1976). *The quality of American life*. New York: Russell Stage Foundation.
- Caplan, G. (1976). The family as support system. In G. Caplan & M. Killilea (Eds.), *Support systems and mutual help: Multidisciplinary explorations* (pp. 19-36). New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Carvalho, M. C. B. N. M. (2007). *O diálogo intergeracional entre idosos e crianças: projeto "Era uma vez... atividades intergeracionais*. Manuscrito não publicado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Casas, F. (2011). Subjective social indicators and child and adolescent well-being. *Child Indicators Research*, 4, 555–575.
- Casas, F., Bello, A., Gonzalez, M., & Aligue, M. (2013). Children's subjective wellbeing measured using a composite index: what impacts Spanish first-year secondary education students' subjective well-being? *Child Indicators Research*, 6, 433–460.
- Casa, F., Figuer, C., Gonzalez, M., Malo, S., Alsinet, C. & Subarroca, S. (2007). The Well Being of 12-to 16-Year-Old Adolescents and Their Parents: Results from 1999 to 2003 Spanish Samples. *Social Indicators Research*, 83, 87- 115.
- Cennamo, L., & Gardner, D. (2008). Generational differences in work values, outcomes and person-organisation values fit. *Journal of Managerial Psychology*, 23(8), 891-906.
- Charles, S. & Carstensen, L. (2009). Socioemotional selectivity theory. *Encyclopedia of human relationships*, H. Reis & S. Sprecher (Eds.), 1578-1581. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Debert, G. G. (1998). A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. *Velhice ou terceira idade*, 3, 49-67.
- Delle Fave, A., Brdar, I., Freire, T., Vella-Brodrick, D. & Wissing, M. (2011). The eudaimonic and hedonic components of happiness: *Qualitative and Quantitative Findings*. *Social Indicators Research*, 100, 185-207.

- DeNeve, K. M. (1999). Happy as an extraverted clam? The role of personality for subjective well-being. *Current Directions in Psychological*, 8, 141–44.
- Diener, E. (1998). Subjective well-being and personality. *Advanced personality*, 311-334.
- Diener, E. & Suh, E. (1997). Measuring Quality of Life: Economic, Social and Subjective Indicators. *Social Indicators Research*, 40, 189 – 216.
- Diener, E., & Lucas, R. E. (1999). 11 Personality and Subjective Well-Being. In Kahneman, D., Diener, E., & Schwarz, N. (eds.). (1999). *Well-Being: The foundations of hedonic psychology*. New York: Russell Sage Found.
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125, 276–302.
- Diener, E., & Lucas, R. E. (2000). Explaining differences in societal levels of happiness: Relative standards, need fulfillment, culture and evaluation theory. *Journal of Happiness Studies*, 1, 41-78.
- Diener, E., Lucas, R. & Oishi, S. (2002). Subjective well-being: the science of happiness and life satisfaction. In C. Snyder & S. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology*, 63-73. New York: Oxford University Press.
- Diener, E., Scollon, C.N. & Lucas, R.E. (2003). The evolving concept of subjective well being: The multifaceted nature of happiness. *Advances in cell aging and gerontology*, 15, 187- 219.
- Diener, E. & Seligman, M. E. P. (2004). Beyond money: Toward an economy of well being. *Psychological Science in the Public Interest*, 5, 1-31.
- Diop, C. A. (1980). A origem dos egípcios. In Mokhtar, G. *História geral da África: a África antiga*. São Paulo: Ática/UNESCO.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas Interviews in qualitative research. *Educar em revista*, 24, 213-225.
- Dumazedier, J. (1992) ‘Création et Transmission des Savoirs’, *Gerontologie et Société*, 61, 7 17.

- Eiguer, A. (1998). A parte maldita da herança. In: Eiguer A. (ed.). *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. São Paulo: Unimarco Editora, 1-84.
- Elizur, D. (1984), “Facets of work values: a structural analysis of work outcomes”. *Journal of Applied Psychology*, 69 (3), 379-89.
- Exenberger, S. & Juen, B. (2014). Well-being, resilience and quality of life from children’s perspectives: a contextualized approach. London: Springer.
- Felce, D. & Perry, J. (1995). Quality of life: Its definition and measurement. *Research in Developmental Disabilities*, 16, 51-74.
- Fernandes, L., Mendes, A. & Teixeira, A. (2013). Assessing child well-being through a new multidimensional child-based weighting scheme index: An empirical estimation for Portugal. *The Journal of Socio-Economics*, 45, 155– 174.
- Freire, T., Zenhas, F., Tavares, D. & Iglésias, C. (2013). Felicidade Hedónica e Eudaimónica: Um estudo com adolescentes portugueses. *Análise Psicológica*, 4, 329-342.
- Galinha, I. C. (2008). Bem-estar subjectivo: factores cognitivos, afectivos e contextuais. Coimbra: Quarteto.
- Galinha, I. C., & Ribeiro, J. L. P. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6 (2), 203-214.
- Garcia, A. (2005). Psicologia da amizade na infância: uma revisão crítica da literatura recente. *Interação em Psicologia*, 9(2), 285-294.
- Gaspar, T., & Matos, M.G. (Eds.). (2008). *Qualidade de vida em crianças e adolescentes: versão portuguesa dos instrumentos Kidscreen- 52*. Cruz Quebrada: Aventura Social & Saúde.
- Grusec, J. E., & Goodnow, J. J. (1994). Impact of parental discipline methods on the child’s internalization of values: A reconceptualization of current points of view. *Developmental Psychology*, 30, 4-19.

- Hernangómez, L., Vazquez, C. & Hervás, G. (2009). El paisaje emocional a lo largo de la vida. *La ciência del bienestar: fundamentos de una psicologia positiva*. Madrid: Alianza Editorial.
- Íñigo, E. L. (1998). *Aristóteles: Ética nicomáquea=Ética eudemia*. Madrid: Editorial Gredos.
- Kagitcibasi, C. (1996). *Family and human development across cultures: A view from the other side*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Kahneman, D. (1999). *Objective happiness*. In Kahneman, D., Diener, E., & Schwarz, N. (eds.). (1999). *Well-Being: The foundations of hedonic psychology*. New York: Russell Sage Found.
- Kahneman, D. & Krueger, A. B. (2006). Developments in the Measurement of Subjective Well-Being. *Journal of Economic Perspective*, 20, 1, 3–24.
- Kim, H. S., Sherman, D. K., & Taylor, S. E. (2008.). Culture and social support. *American Psychologist*. 63(6), 518–526.
- King, V., & Elder G. H. Jr. (1997). The legacy of grandparenting: Childhood experiences with grandparents and current involvement with grandchildren. *Journal of Marriage and the Family*, 59, 848–859.
- Land, K. C. (1975). Theories, models and indicators of social change. *International Social Science Journal*, 27, 1, 7-37.
- Lasch, C. (1999). *La cultura del narcisismo*. Santiago: Andrés Bello.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- Lykken, D. & Tellegen, A. (1996). Happiness is a Stochastic Phenomenon. *Psychological Science*, 7, 3, 186-189.
- Macedo, R. M. (1994). A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? *Cadernos de Pesquisa*, 91, 62-68.
- Macedo, R. M. (1994). A família diante das dificuldades escolares dos filhos. *Avaliação Psicopedagógica da Criança de Zero a Seis Anos*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 185-206.
- Machado, F. L. (1994). Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 16, 111-134.

- Mannheim, K. (1982). O problema sociológico das gerações. *Mannheim. São Paulo: Ática*, 67-95.
- McIntosh, N. J. (1991). Identification and investigation of properties of social support. *Journal of Organizational Behavior*, 72,201-217.
- Moles, A., & Rohmer, E. (1998). *Psychosociologie de l'espace*. Paris:L'Harmattan.
- Mortimer, J. T. & Shanaham, M. J. (2004). *Handbook of life course*. USA: Springer.
- Mourão, A. R. T., & Cavalcante, S. (2006). O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. *Estudos de Psicologia*, 11(2), 143-151.
- Mroczek, D. K., & Spiro III, A. (2005). Change in life satisfaction during adulthood: findings from the veterans affairs normative aging study. *Journal of personality and social psychology*, 88(1), 189.
- Myers, D. G., & Diener, E. (1995). Who is happy? *Psychological science*, 6(1), 10-19.
- Nakamura, J. & Csikszentmihalyi, M. (2002). The concept of flow. *Emotions Focused Approaches*, III, 7, 89-105.
- Nelson, M. R., & Shavitt, S. (2002). Horizontal and vertical individualism and achievement values a multimethod examination of Denmark and the United States. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 33(5), 439-458.
- Neto, F.(1986). Aspectos da problemática da segunda geração portuguesa em França. *Povos e Culturas*, 1, 167-186.
- Novo, R. F. (2003). Para além da Eudaimonia: o bem-estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Oliveira, P. S. (1998). Cultura e co-educação de gerações. *Psicologia USP*, 9, 2, 261-295.
- OECD Better Life Initiative. (2011). Compendium of OECD well-being indicators.
- OECD (2013), *OECD Guidelines on measuring subjective well-being*, OECD Publishing..
- Pollard, E. L., & Lee, P.D. (2003). Child well-being: a systematic review of the literature. *Social Indicators Research*, 61, 59-78.

- Ravens-Sieberer, U., Gosch, A., Rajmil, L., Erhart, M., Bruil, J., Duer, W., Auquier, P., Power, M., Abel, T., Czemy, L., Mazur, J., Czimbalmos, A., Tountas, Y., Hagquist, C., Kilroe, J. & European KIDSCREEN Group. (2005). KIDSCREEN-52 quality-of-life measure for children and adolescents. *Expert Review of Pharmacoeconomics & Outcomes Research*, 5 (3), 353-364.
- Rees, G., Goswami, H. & Bradshaw, J. (2010). *Developing an index of children's subjective well-being*. London: The Children's Society.
- Rees, D. I., Sabia, J. J. & Argys, L. M. (2009). A head above the rest: height and adolescent psychological well-being. *Economics & Human Biology*, 7(2), 217 - 228.
- Richards, M. & Huppert, F. A. (2011). Do positive children become positive adults? Evidence from a longitudinal birth cohort study. *The Journal of positive psychology*, 6(1), 75-87.
- Riley, M. W. E., Kahn, R. L. E., Foner, A. E., & Mack, K. A. (1994). *Age and structural lag: Society's failure to provide meaningful opportunities in work, family, and leisure*. New York: John Wiley & Sons.
- Ritchie, J. and Lewis, J. (2003), *Qualitative research practice – a guide for social science students and researchers*, Thousand Oaks, Sage.
- Rodriguez, M., & Cohen, S. (1998). Social support. *Encyclopedia of mental health*, 3, 535-544.
- Ryan, R. M. & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: a review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Review Psychology*, 52, 141–66.
- Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 6, 1069-1081.
- Ryff, C. & Keyes, L. (1995). The structure of psychological well-being: Revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69(4), 719-727.
- Sabatier, C. & Lannegrand-Willems, L. (2005). Transmission of Family Values and Attachment: A French Three-Generation Study. *Applied Psychology: an International Review*, 54, 378–395.

- Sampaio, D. & Gameiro, J. (1985). *Terapia Familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. *Advances in experimental social psychology*, 25(1), 1-65.
- Seligman, M. E. (2002). *Authentic happiness: Using the new Positive Psychology to realize your potential for lasting fulfilment*. London: Nicholas Brealey.
- Siqueira, M. M., & Padovam, V. A. R. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 24(2), 201-209.
- Soraker, J. H. Rijt, J.W., Boer, J., Wong, P. H. & Brey, P. (2015). *Well-being in contemporary society*. Gewerbestarsse: Springer.
- Statham, J. & Chase, E. (2010). Childhood wellbeing: a brief overview. *Childhood Wellbeing Research Centre*, 2-18.
- Stiglitz, J. E., Sen, A., & Fitoussi, J. P. (2010). Report by the commission on the measurement of economic performance and social progress. *Paris: Commission on the Measurement of Economic Performance and Social Progress*.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Procedures and techniques for developing grounded theory*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Strózik, D., Strózik, T., & Szwarc, K. (2015). The Subjective Well-Being of School Children. The First Findings from the Children's Worlds Study in Poland. *Child Indicators Research*, 1-12.
- Stryker, S. (1980). *Symbolic interactionism: A social structural view*. Menlo Park, CA: Benjamin/Cummings.
- Sussman, N. M. (2000). The dynamic natural of cultural identity throughout cultural ransitions: why home is not so sweet. *Personality and Social Psychology Review*, 4(4), 355-373.
- Tajfel, H. (1981). *Human groups and social categories: Studies in social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Tajfel, H. (1982). Social psychology of intergroup relations. *Annual Review Psychology*, 33, 1-39.
- Triandis, H. C. (1995). *Individualism & collectivism*. Boulder, US: Westview press.
- Uhlenberg, P. (1996). Mutual attraction: Demography and life-course analysis. *Gerontologist*, 36, 226–229.
- Ulloa, B. F. L., Møller, V., & Sousa-Poza, A. (2013). How does subjective well-being evolve with age? A literature review. *Journal of Population Ageing*, 6(3), 227-246.
- Umberson, D. & Gove, W. R. (1989). Parenthood and psychological well-being: Theory, measurement, and stage in the family life course. *Journal of Family Issues* 10, 440-462.
- Unger, J. B., Ritt-Olson, A., Teran, L., Huang, T., Hoffman, B. R., & Palmer, P. (2002). Cultural values and substance use in a multiethnic sample of California adolescents. *Addiction Research & Theory*, 10(3), 257-279.
- Vaux, A. (1988). *Social support: Theory, research and intervention*. New York: Praeger.
- Waterman, A., Schwartz, J. & Conti, R. (2008). The implications of two conceptions of happiness (hedonic enjoyment and eudaimonia) for the understanding of intrinsic motivation. *Journal of Happiness Studies*, 9, 41-79.
- World Health Organization (2015). *World report on ageing and health*. Geneva: World Health Organization.
- Williams, A. (1977). Measuring the quality of life of the elderly”. In *Public economics and the quality of life*, Wingo, A. & Evans, L. (Eds.), 282-297. Baltimore: The John Hopkins University Press.
- Wilson, W. (1967). Correlates of avowed happiness. *Psychological Bulletin*, 67, 294-306.

Anexo A– Dicionário de Categorias Geração Crianças

Temas	Subtemas	Significado	Exemplo	Fontes ¹	Frequência ²
<u>Família</u>		Todas as relações que envolvam relação de parentesco (ex. pai, filho, irmão)		8	81
	<i>Suporte Emocional</i>	Comportamentos como escutar, prover atenção ou fazer companhia que contribuem para que a pessoa se sinta cuidada e/ou estimada (Seidl & Tróccoli 2006)	“...às vezes com os meus irmãos à noite, quando a minha mãe está a ver a novela, eu e eles ficamos a lutar, na brincadeira”; “.....estar com a minha família faz –me sentir bem.”	8	59
	<i>Suporte Instrumental</i>	Providenciar recursos materiais; passar tempo ou ajudar a pessoa em tarefas concretas (House, 1981). Inclui providenciar alimentação, ou cuidados de saúde.	“A minha mãe.. Que me ajuda a fazer os trabalhos”; “A minha mãe porque me ajuda, todos os dias me dá força, mete a comida na mesa, essas coisas assim ”.	5	9

¹ Número de entrevista em que foi mencionado

² Número de vezes mencionadas ao longo de todas as entrevistas

	<i>Centralidade da Família</i>	Membros da família apontados como importantes na vida da criança.	“A minha família. Mas o que me importa mais é a minha mãe, e os meus irmãos, e a minha avó.”	6	13
<u>Amigos</u>		Interações que envolvam relações de amizade, que não implicam relações de parentesco. Define-se amizade como relação afetiva e voluntária, que envolve práticas de sociabilidade, trocas íntimas e ajuda mútua, e necessita de algum grau de equivalência ou igualdade entre amigos (Allan,1989).		7	18
	<i>Brincadeira / Partilha de Atividades</i>	Partilha de atividades lúdicas, diversão, sentimentos.	“Quando eu brinco...brinco com as minhas amigas sinto-me muito bem.”	3	6
	<i>Identificação com o grupo</i>	Sentimento/ consciência de filiação relacionada com conotações de valor para o indivíduo, reforçada pelo investimento emocional colocado neste processo (Tajfel, 1982).	“Ai gosto mais de brincar com os meninos, normalmente com os meus três melhores amigos, <i>porque é a Íris, que é a minha melhor amiga, é o Djaló, que é um guineense, andamos sempre</i>	1	2

		<i>juntos, e o ? , andamos nós os quatro sempre, somos um grupo.”</i>		
<i>Suporte Emocional</i>	Comportamentos como escutar, prover atenção ou fazer companhia que contribuem para que a pessoa se sinta cuidada e/ou estimada (Seidl & Tróccoli, 2006), neste caso especificamente relacionadas com os pares.	“Aquilo que também mais gosto, é estar com as minhas amigas”	5	8
<i>Cuidar</i>	Prestar apoio ou auxilio a um amigo, sentimentos positivos que resultam de se certificar que o outro está bem.	“ Os amigos, desde que estejam todos bem.”	2	2
<u>Escola</u>	Tudo o que ocorra, ou seja resultado do contato com o ambiente escolar		6	29
<i>Aprendizagem</i>	Importância da aquisição competências, conhecimentos, comportamento ou valores através da educação.	“O mais importante na escola é estar a aprender a história de Portugal”	6	16

<i>Autoeficácia</i>	Importância da percepção pessoal quanto à própria inteligência, habilidades, conhecimentos e capacidades (Boruchovitch & Bzuneck, 2001)	“Eu sou....tenho capacidade para estudar, esforçar muito...”	1	4
<i>Emoções positivas</i>	Interações das quais resultam emoções como alegria, satisfação, gratidão, amor, amizade relacionadas com o contexto escolar.	“Para ajudar? Esses são os momentos em que tu te sentes melhor? E os sítios? Quais são os sítios em que te sentes melhor? - Em casa... - Sim... - Na escola...”	4	9
<u>Comunidade</u>	Grupo de indivíduos que residem no mesmo bairro, com relações recíprocas, que utilizam meios comuns para atingir objetivos também comuns (Fichter, 1967).		6	15

BEM-ESTAR SUBJETIVO EM CRIANÇAS E FAMÍLIAS

<i>Espaço Lúdico e Prazeroso</i>	Relevância da existência de espaços destinados à aprendizagem, de brincadeira e convívio dentro da comunidade.	“Porque gosto de estar feliz, porque em casa às vezes não se faz nada, então vou para a rua, para ver se tem alguma coisa para fazer, e depois fico a passar o tempo lá.”	5	10
<i>Apropriação de Lugar</i>	Sentimento de pertença ao lugar, bem como de posse desse mesmo lugar, mesmo que dele não tenha posse legal. A ideia de reciprocidade na relação com o lugar (Pol, 1996).	“E depois eles juntaram dinheiro para comprar os meus medicamentos.”	5	5
<u>Utilização do Tempo Livre</u>	Atividades de tempos livres.	“gosto de jogar à bola...”	7	26
<u>Tarefas Diárias</u>	Atividades relacionadas com tarefas domésticas (ex. por a mesa, ajudar a cozinhar) e cuidados de higiene.	“ Arrumo o quarto, faço o jantar com a minha avó.”	2	4

BEM-ESTAR SUBJETIVO EM CRIANÇAS E FAMÍLIAS

<u>Religião</u>	Tudo o que envolva alguma forma de fé; crenças religiosas.	“(…) Que eu rezo para os meus problemas passarem.”	2	4
<u>Saúde</u>	Importância da rede de saúde e do bem-estar físico.	“- O médico. - Médico? Porque é que é importante o médico? - Porque ele trata de mim.”	2	2
<u>Bens Materiais</u>	Conforto ou bem-estar promovido por objetos possíveis de adquirir a nível monetário, no entanto, não essenciais à vida.	“- Mas é bom ter o teu espaço, é isso?...Então e assim coisas que tens que são importantes para ti, estavas a dizer o teu quarto, e há mais alguma coisa que seja assim tua, que seja importante? - Minha? - Hum. - A minha roupa.”	4	8
<u>Ajudar os Outros</u>	Prestar apoio ou auxílio a alguém, emoções positivas que resultam desse ato.	“ Gosto de ajudar as pessoas quando, nos momentos bons e nos maus.”	3	14

<u>Animais de Estimação</u>	Suporte emocional proporcionado por animais de companhia (ex. cão, gato).	“E há assim mais alguma coisa importante para ti de que não tenhamos falado? Que eu não tenha perguntado? - Há, o meu papagaio. - E ele também imita às vezes. Gosta de mim e da minha avó, da minha mãe, do meu tio.”	2	6
<u>Satisfação com a vida</u>	Avaliações cognitivas da vida do indivíduo (Stiglitz, Sen & Fitoussi, 2008).		7	16
<i>Dimensão Familiar e Financeira</i>	Alterações relacionadas com à família e com as condições estruturais e financeiras do agregado familiar.	“ No café eu mudava as coisas para ficar mais bonito, e em casa também.”	5	9
<i>Humanidade</i>	Alterações relativas à humanidade em geral.	“ Mudava as pessoas mais para boas.”	3	3

BEM-ESTAR SUBJETIVO EM CRIANÇAS E FAMÍLIAS

<u>Bem-estar</u> <u>Subjetivo</u>	<i>Autoconceito</i>	Percepção que o indivíduo tem acerca de si próprio (Faria & Fontaine,1990). Nesta categoria incluem-se mudanças relativas ao próprio.	“Mudava algumas pessoas, por exemplo eu, mudava o meu aspecto...aspecto de ser.”	2	4
		Definições do conceito de bem-estar subjetivo.		8	16
	<i>Componente Relacional</i>	Satisfação com a vida que advém de relações interpessoais, e dinâmicas relacionais.	“A felicidade para mim é...tipo, estar junto com os meus amigos e a minha família.”; “Felicidade para mim...é ajudar uma pessoa, quando uma pessoa precisa.”	6	8
	<i>Componente Afectiva</i>	Perspectiva hedónica de felicidade, caracterizada pela presença de emoções positivas e ausência de emoções negativas (Rayan & Deci, 2001).	“Felicidade são pessoas que nunca ficam tristes”; “Sentir-se bem.”	5	8

Anexo B – Dicionário de Categorias Geração Pais

Temas	Subtemas	Significado	Exemplo	Fontes ³	Frequência ⁴
<u>Família</u>		Todas as interações que envolvam relação de parentesco (ex. pai, filho, irmão).		7	113
	<i>Suporte Instrumental</i>	Apoio material, financeiro ou das atividades diversas do dia-a-dia (Seidl & Tróccoli, 2006).	“...estou um bocado assim ainda triste do falecimento da minha avó, que a minha avó para mim era como se fosse minha mãe.- E agente agora se passamos dificuldades, não temos quem nos ajudava como ela.”	4	11
	<i>Suporte Emocional</i>	Comportamentos como escutar, prover atenção ou fazer companhia que contribuem para que a pessoa se sinta cuidada e/ou estimada (Seidl & Tróccoli, 2006).	“Às vezes, às vezes quando me acorda, dá-me sempre um beijinho “Mãe, então dormiste bem?”, dá-me sempre um beijinho, e a fazer festinhas, e não sei quê...”; “...quando o meu bebé dá-me um pontapé.”	7	48

³ Número de entrevista em que foi mencionado

⁴ Número de vezes mencionadas ao longo de todas as entrevistas

BEM-ESTAR SUBJETIVO EM CRIANÇAS E FAMÍLIAS

<i>Centralidade da Família</i>	Membros da família apontados como importantes na vida do indivíduo.	“...sou uma pessoa que dá muito valor à família, principalmente aos meus filhos, em primeiro lugar, não há nada mais que meto à frente dos meus filhos, é os meus filhos sempre em primeiro lugar”	7	18
<i>Papel de Cuidador</i>	Capacidade de sustentar e cuidar da família; possibilidade de proporcionar um futuro aos filhos.	“Posso não ter para mim, mas para o meu filho não pode faltar, eu às vezes penso isso.” “E ele tem que se...só tem de estudar, eu dou-lhe tudo o que eu posso, estás a ver?”	4	13
<i>Amor Companheiro</i>	Partilha de afeto, compromisso, intimidade, preocupação com o bem-estar do outro (Hatfield e Rapson, 1993).	“De...depois de eu ver o parto da...da minha mulher, a minha mulher também me faz sentir bem, esqueci-me...”	6	22
<u>Trabalho</u>	Tudo o que ocorra em contexto, ou seja resultado do contato com o ambiente laboral.		7	25

BEM-ESTAR SUBJETIVO EM CRIANÇAS E FAMÍLIAS

<i>Fonte de Emoções Positivas</i>	Interações das quais resultam emoções como alegria, satisfação, gratidão, amor, amizade, relacionadas com a existência de um posto de trabalho, ou com o trabalho realizado em si.	“ Quer dizer, eu sinto-me bem quando me ligam por exemplo “Olha, oh Ana, já podes vir trabalhar”, eu sinto-me...”	5	21
<i>Forma de Sustento/ Independência</i>	Trabalho como proporcionador de independência e segurança financeira.	“E às vezes quando me ligam, é aquela ansiedade de dizer...de saber que já vou ter o meu trabalhinho, mesmo que não seja fixo, mas já sei que vou ganhar o meu dinheirinho, para ter as coisinhas para ajudar o meu filho, e mesmo para mim, ou sendo só para o meu filho.”	4	4
<u>Amigos</u>	Interações que envolvam relações de amizade, que não implicam relações de parentesco. Define-se amizade como relação afetiva e voluntária, que envolve práticas de sociabilidade, trocas íntimas e		5	13

	ajuda mútua, e necessita de algum grau de equivalência ou igualdade entre amigos (Allan,1989).			
<i>Fonte de Emoções Positivas</i>	Interações das quais resultam emoções como alegria, satisfação, gratidão, amor, amizade, relacionadas com a relação com os pares.	“Ya, tipo os meus amigos fazem-me sentir bem, estás a ver?”	2	6
<i>Suporte Emocional</i>	Comportamentos como escutar, prover atenção ou fazer companhia que contribuem para que a pessoa se sinta cuidada e/ou estimada (Seidl & Tróccoli, 2006), mais especificamente neste caso a partilha de eventos de vida, de opiniões e conselhos.	“ Tenho colegas, al...algumas, há colegas e colegas, e por ? tem umas quatro que é assim aquela colega-irmã. Que quando eu estou chateada eu peço conselho, por vezes quando eu brigo em casa, eu vou pedir conselho, essas coisas assim.”	3	7
<u>Comunidade</u>	Grupo de indivíduos que residem no mesmo bairro, com relações recíprocas, que utilizam meios comuns para atingir objetivos	“Ya, eu gosto de morar aqui, não me via a morar noutro sitio, estás a ver? Não me via.”	3	10

também comuns (Fichter, 1967).

Aqui mais especificamente a existência de um sentimento de pertença e suporte social.

**Utilização
do Tempo
Livre**

Atividades de tempos livres.	“Ir ao cabeleireiro, é uma coisa que gosto muito. Faz-me lindamente. Cada vez que eu vou ao cabeleireiro sinto-me uma princesa, agora que pareço uma bola, ao menos alguma coisa que me faça feliz. Ah, e as minhas unhas, que agora andam muito mal tratadas, mas pronto, já para a semana já vou tratar delas.”	7	20
------------------------------	---	---	----

**Tarefas
Diárias**

Atividades relacionadas com tarefas domésticas (ex. cozinhar, passar a ferro, arrumar a casa).	“...gosto de arrumar como tudo.”	2	2
--	----------------------------------	---	---

Religião

Tudo o que envolva alguma forma de fé; crenças religiosas.	“Quando vou à igreja. Quando vou ali ao Domingo sinto-me bem. Sinto feliz, eu entro lá,	3	12
--	---	---	----

BEM-ESTAR SUBJETIVO EM CRIANÇAS E FAMÍLIAS

		posso entrar com stress, mas é bom lá, parece que...”		
<u>Saúde</u>	Importância da rede de saúde e do bem-estar físico.	“E assim se eu lhe perguntar o que é que é indispensável para ser feliz, o que é, que mesmo não pode deixar de ter para ser feliz, o que é que respondia? - Saúde. ”	1	2
<u>Bens</u> <u>Materiais</u>	Conforto ou bem-estar promovido por objetos possíveis de adquirir a nível monetário, no entanto, não essenciais à vida.	“O meu carro, é importante. Tenho o carro vou para ali, tenho o carro vou para as compras, tenho o carro vou onde eu quiser.”	6	17
<u>Ajudar os</u> <u>outros</u>	Prestar apoio ou auxílio a alguém, sentimentos positivos que resultam desse ato.	“Gosto...já ajudei uma pessoa e...depois era no carro, fomos a casa do meu irmão e chorei um bocadinho, de felicidade, porque senti que ajudei, e a pessoa reconheceu. A pessoa ligou logo para mim, “oh Cátia, nunca pensei que tu ias fazer isso, não	2	4

sei quê”, eu disse “não, hoje és tu, amanhã sou eu”. E gosto de ajudar porque agente não sabe o dia de amanhã, e chorei porque senti que fui útil àquela pessoa.”

Satisfação com a vida

	Avaliações cognitivas da vida do indivíduo (Stiglitz, Sen & Fitoussi, 2008).		5	8
<i>Dimensão</i>				
<i>Familiar e Financeira</i>	Alterações relacionadas com as condições do agregado familiar, especialmente a nível financeiro.	“Quer dizer, dava uma vida melhor ao meu filho, aquilo que ele não tem agora, porque também não tem possibilidades para isso, e...mudava a vida à minha mãe também coitadinha não é, maneira de falar.”	4	5
<i>Autoconceito</i>	Percepção que o indivíduo tem acerca de si próprio (Faria & Fontaine,1990). Nesta categoria incluem-se mudanças relativas ao próprio.	“Mudava muita coisa em mim também. Quer dizer, mudava, arranjava-me, assim toda bonitinha ahah.”	2	3

BEM-ESTAR SUBJETIVO EM CRIANÇAS E FAMÍLIAS

<u>Bem-estar</u>	Definições do conceito de bem-estar subjetivo.	5	9
<u>Subjetivo</u>			

<i>Componente Relacional</i>	Satisfação com a vida que advém de relações interpessoais, e dinâmicas relacionais. Filhos e família em geral como fonte de emoções positivas; importância de ser capaz de prover para a família.	- A minha felicidade é o quê, é ter os meus filhos ao pé de mim, é ter os meus filhos bem.....”	3	4
------------------------------	--	---	---	---

<i>Componente Afectiva</i>	Perspectiva hedónica de felicidade, caracterizada pela presença de emoções positivas e ausência de emoções negativas (Rayan & Deci, 2001).	“ É sentir-se completo.”	3	5
----------------------------	--	--------------------------	---	---

Anexo C– Dicionário de Categorias Geração Avós

Temas	Subtemas	Significado	Exemplo	Fontes ⁵	Frequência ⁶
<u>Família</u>		Todas as interações que envolvam relação de parentesco (ex. pai, filho, irmão).		6	75
	<i>Suporte Emocional</i>	Comportamentos como escutar, prover atenção ou fazer companhia que contribuem para que a pessoa se sinta cuidada e/ou estimada (Seidl & Tróccoli, 2006).	- “Humhum. Quando eu estou frontada (chateada, preocupada), as pessoas que me cuidam são eles.”	6	56
	<i>Suporte Instrumental</i>	Ajuda na resolução de situações práticas ou do cotidiano, como apoio material, financeiro ou das atividades diversas do dia-a-dia. (Seidl & Tróccoli, 2006).	“De vez em quando eles vêm com o carro, vêm buscar-me. E também tem um outro filho que fica na Apelação, (não percebo), vem buscar-me, vou passear.”	1	7

⁵ Número de entrevista em que foi mencionado

⁶ Número de vezes mencionadas ao longo de todas as entrevistas

BEM-ESTAR SUBJETIVO EM CRIANÇAS E FAMÍLIAS

<i>Papel de cuidador</i>	Capacidade de cuidar da família; possibilidade de proporcionar um futuro aos filhos.	“Eu não, assim ?, cuidado da roupa deles, e...falo com eles...coisas que é bom e coisas...coisas que é má...”	3	10
<i>Amor</i> <i>Companheiro</i>	Partilha de afeto, compromisso, intimidade, preocupação com o bem-estar do outro (Hatfield e Rapson, 1993).	“E assim as pessoas, quais são as pessoas que a fazem sentir melhor, das que estão assim à sua volta, quais são as que... - Os meus filhos, netos, <u>marido.</u> ”	2	2
<u>Trabalho</u>	Tudo o que ocorra em contexto, ou seja resultado do contato com o ambiente laboral.		4	17
<i>Suporte Emocional</i>	Comportamentos como escutar, prover atenção ou fazer companhia que contribuem para que a pessoa se sinta cuidada e/ou estimada (Seidl & Tróccoli, 2006).	“Sem trabalho isso, pá é assim, eu sai do hospital, não tinha já trabalho, e saia aqui do quarto, ficava aqui no sofá, a cabeça já não estava boa, não, não. Eu agora arranjei duas horas e meia,	2	7

senti melhor que é conviver com colega....”

	<i>Forma de Sustento/Independência</i>	Trabalho como provedor de independência e segurança financeira.	“Não, para ter uma coisa para fazer, também ter dinheiro, pagar a dívida...”	3	10
<u>Amigos</u>		Interações que envolvam relações de amizade, que não implicam relações de parentesco. Define-se amizade como relação afetiva e voluntária, que envolve práticas de sociabilidade, trocas íntimas e ajuda mútua, e necessita de algum grau de equivalência ou igualdade entre amigos (Allan,1989).	“Por acaso menina, eu não desgostei da Sra., tão carinhosa, com pouco ordenado que ela tinha, ela ia ao talho comprava carne, trazia carne para mim, carne para ela. Eu disse assim para ela “Mas eu tenho....”, eu graças a Deus, gostei imenso da Sra., ficámos amigas até agora.”	2	4
<u>Utilização do Tempo Livre</u>		Atividades de tempos livres.	“Gosto, eu gosto, gosto, adoro, eu adoro cozinhar.”	3	5
<u>Tarefas Diárias</u>		Atividades relacionadas com tarefas domésticas (ex. cozinhar, passar a ferro, arrumar a casa).	“Ai eu prefiro estar em casa a fazer comer, e fazer qualquer coisa, e passar o ferro também	6	11

		que eu gosta muito, eu adoro também...”		
<u>Religião</u>	Tudo o que envolva alguma forma de fé; crenças religiosas.	“E lá no hospital eu prometi, eu prometi promessa...E...e depois, dia quê?...no dia 13...13 de Junho, fui numa excursão, porque enquanto não fazia ainda promessa que eu prometi....Não tinha sossego.”	3	9
<u>Saúde</u>	Importância da rede de saúde e do bem-estar físico.	“Porque sem saúde imagina, você pode estar aqui, tem dinheiro, tem tudo na vida, mas não tem saúde, não tem nada.”	5	12
<u>Bens materiais</u>	Conforto ou bem-estar promovido por objetos possíveis de adquirir a nível monetário, no entanto, não essenciais à vida.	“O meu sonho é eu conseguir esse café para mim.”	6	11
<u>Ajudar os outros</u>	Prestar apoio ou auxílio a alguém, sentimentos positivos que resultam desse ato.	“Olha, você é que sabe, se quer ir para a minha casa não tem problema, você não vai pagar renda, não vai pagar luz, não vai	1	3

pagar água, não vai pagar nada, quero de você é convívio e deixar de chorar”.

Sentimento de pertença ao país de acolhimento

Envolvimento pessoal num sistema ou ambiente, em que o indivíduo se sente parte integrante desses sistema ou ambiente (Hagerty, Lynch-Sauer, Patusky, Bouwsema, e Collier, 1992). Neste caso relativamente ao país de acolhimento, especificamente.

“ Agente já viveu aqui mais que em Cabo Verde.”

2

4

Satisfação com a vida

Avaliações cognitivas da vida do indivíduo (Stiglitz, Sen & Fitoussi, 2008).

6

14

Dimensão Material

Alterações relacionadas com aquisição de bens materiais, ou melhores inputs financeiros.

“Comprava a minha casa própria.”

3

3

Dimensão Familiar e Financeira

Desejo de oferecer melhores condições de vida aos familiares e amigos.

“Ajudava, ajudava...mudava a vida dos meus filhos.”

4

7

BEM-ESTAR SUBJETIVO EM CRIANÇAS E FAMÍLIAS

	<i>Retorno às Origens</i>	Desejo de regressar ao país de origem.	“Saia euromilhões, já eu ia para a minha terra. Ia para a minha terra.”	3	4
<u>Bem-estar Subjetivo</u>		Definições do conceito de bem-estar subjetivo.		4	4
	<i>Componente Relacional</i>	Satisfação com a vida que advém de relações interpessoais, e dinâmicas relacionais. Família como principal fonte de emoções positivas e bem-estar.	“ O mais importante é o quê, é a família, a casa...? - E a minha família, como eu estava a dizer à menina, meus filhos.”	2	2
	<i>Componente Financeira</i>	Existência de segurança a nível económico como fonte de felicidade; Satisfação com bens essenciais.	“Sou pobre mas sou feliz. Para mim é ter um bocadinho de pão todos os dias.”	2	2

Anexo D– Tabela de distribuição das unidades de registo por tema e subtema – Geração Crianças

Crianças (UR= 239)

Temas	UR	%	Subtemas	UR	%
<u>Família</u>	81	33,9	• <i>Suporte Emocional</i>	59	73
			• <i>Suporte Instrumental</i>	9	11
			• <i>Centralidade da Família</i>	13	16
<u>Amigos</u>	18	7,5	• <i>Brincadeira / Partilha de Atividades</i>	6	33,3
			• <i>Identificação com o Grupo</i>		
			• <i>Suporte Emocional</i>	2	11,1
			• <i>Cuidar</i>	8	44,4
				2	11,1
<u>Escola</u>	29	12,1	• <i>Aprendizagem</i>	16	55
			• <i>Autoeficácia</i>	4	14
			• <i>Emoções positivas</i>	9	31
<u>Comunidade</u>	15	6,3	• <i>Espaço Lúdico e prazeroso</i>	10	67
			• <i>Apropriação de Lugar</i>	5	33

BEM-ESTAR SUBJETIVO EM CRIANÇAS E FAMÍLIAS

<u>Utilização do Tempo</u>	26	10,9			
<u>Livre</u>					
<u>Tarefas Diárias</u>	4	1,7			
<u>Religião</u>	4	1,7			
<u>Saúde</u>	2	0,8			
<u>Bens Materiais</u>	8	3,3			
<u>Ajudar os Outros</u>	14	5,8			
<u>Animais de Estimação</u>	6	2,5			
<u>Satisfação com a vida</u>	16	6,7	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Dimensão Familiar e Financeira</i> • <i>Humanidade</i> • <i>Autoconceito</i> 	9	56
				3	19
				4	25
<u>Bem-estar Subjetivo</u>	16	6,7	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Componente Relacional</i> • <i>Componente Afetiva</i> 	8	50
				8	50

Anexo E – Tabela de distribuição das unidades de registo por tema e subtema – Geração Pais

Tema	UR	%	<i>Pais (UR=229)</i>		
			Subtema	UR	%
<u>Família</u>	113	49	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Suporte Instrumental</i> • <i>Suporte Emocional</i> • <i>Centralidade de Família</i> • <i>Papel de Cuidador</i> • <i>Amor Companheiro</i> 	11	10
				48	42
				18	16
				13	12
				22	19
<u>Trabalho</u>	25	10	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Fonte de Emoções Positivas</i> • <i>Forma de Sustento/ Independência</i> 	21	84
				4	16
<u>Amigos</u>	13	6	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Fonte de Emoções Positivas</i> • <i>Suporte Emocional</i> 	6	46
				7	54
<u>Comunidade</u>	10	4			
<u>Utilização do Tempo</u>	20	8,7			
<u>Livre</u>					
<u>Tarefas Diárias</u>	2	0,8			
<u>Religião</u>	12	5			
<u>Saúde</u>	2	0,8			
<u>Bens Materiais</u>	17	7			

BEM-ESTAR SUBJETIVO EM CRIANÇAS E FAMÍLIAS

<u>Ajudar os outros</u>	4	1,7			
<u>Satisfação com a vida</u>	8	3	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Dimensão Familiar e Financeira</i> • <i>Autoconceito</i> 	5	62,5
				3	37,5
<u>Bem-estar Subjetivo</u>	9	3,9	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Componente Relacional</i> • <i>Componente Afetiva</i> 	4	44
				5	56

Anexo F- Tabela de distribuição das unidades de registo por tema e subtema – Geração Avós

Avós (UR=169)					
Tema	UR	%	Subtema	UR	%
<u>Família</u>	75	44,3	• <i>Suporte Emocional</i>	56	75
			• <i>Suporte Instrumental</i>	7	9
			• <i>Papel de Cuidador</i>	10	13
			• <i>Amor Companheiro</i>	2	3
<u>Trabalho</u>	17	10	• <i>Suporte Emocional</i>	7	41
			• <i>Forma de Sustento/Independência</i>	10	59
<u>Amigos</u>	4	2,4			
<u>Utilização do Tempo Livre</u>	5	3			
<u>Tarefas Diárias</u>	11	6,5			
<u>Religião</u>	9	5,3			
<u>Saúde</u>	12	7,1			
<u>Bens materiais</u>	11	6,5			

BEM-ESTAR SUBJETIVO EM CRIANÇAS E FAMÍLIAS

<u>Ajudar os outros</u>	3	1,8								
<u>Sentimento de pertença ao país de acolhimento</u>	4	2,4								
<u>Satisfação com a vida</u>	14	8,3	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Dimensão Material</i> • <i>Dimensão Familiar e Financeira</i> • <i>Regresso às Origens</i> 	<table border="0"> <tr> <td style="text-align: right;">3</td> <td style="text-align: right;">21</td> </tr> <tr> <td style="text-align: right;">7</td> <td style="text-align: right;">50</td> </tr> <tr> <td style="text-align: right;">4</td> <td style="text-align: right;">29</td> </tr> </table>	3	21	7	50	4	29
3	21									
7	50									
4	29									
<u>Bem-estar Subjetivo</u>	4	2,4	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Componente Relacional</i> • <i>Componente Financeira</i> 	<table border="0"> <tr> <td style="text-align: right;">2</td> <td style="text-align: right;">50</td> </tr> <tr> <td style="text-align: right;">2</td> <td style="text-align: right;">50</td> </tr> </table>	2	50	2	50		
2	50									
2	50									

Anexo G – Tabela de distribuição do total das UR pelos temas em cada uma gerações

Distribuição do total das UR pelos temas em cada uma gerações

	Crianças	Pais	Avós
Total de UR	245	238	173
<i>Família</i>	84	118	76
<i>Amigos</i>	19	13	4
<i>Escola / Trabalho</i>	29	25	17
<i>Utilização de Tempos Livres</i>	26	20	5
<i>Tarefas Diárias</i>	4	2	11
<i>Comunidade</i>	15	10	-
<i>Religião</i>	4	12	9
<i>Saúde</i>	2	2	12
<i>Bens Materiais</i>	8	17	11
<i>Ajudar os Outros</i>	14	4	3

BEM-ESTAR SUBJETIVO EM CRIANÇAS E FAMÍLIAS

<i>Animais de Estimação</i>	6	-	-
<i>Sentimento de Pertença ao País de Origem</i>	-	-	4
<i>Satisfação com a Vida</i>	18	9	15
<i>Bem-estar Subjetivo</i>	16	5	5

Anexo H – Consentimento informado – Crianças



ISCTE IUL
Instituto Universitário de Lisboa

Título: *Bem Estar Subjetivo:
Um estudo transgeracional
com crianças e famílias em
situação de vulnerabilidade
social*

Equipa:

Raquel Gonçalves
Doutora Joana Alexandre

Contatos:

Tel.: 917194378
E-mail:
Raquel_Alexandra_Goncalves@iscte.pt

ISCTE IUL
Instituto Universitário de Lisboa

Consentimento Informado

**Estudo sobre o conceito
de Bem-estar/ Felicidade**



Caros Pais!

Uma equipa do ISCTE-IUL, em colaboração com um projeto internacional está a realizar um estudo sobre o conceito bem-estar, em famílias com crianças entre os 8 e os 12 anos.

O estudo decorre no âmbito da dissertação de mestrado da mestranda Raquel Gonçalves, orientada pela professora doutoura Joana Alexandre.



O que pretendemos é saber o que é a felicidade para si.

GOSTÁVAMOS DE CONTAR CONSIGO!

Em que consiste o estudo?

O estudo baseia-se na realização de três entrevistas, uma à criança, uma ao pai/mãe e uma ao avô/avó. As investigadoras irão realizar as entrevistas em separado, a cada membro da família, onde será gravada a voz, e no caso das crianças voz e imagem, de forma a permitir que as investigadoras centrem a atenção nas respostas e não necessitem de as registar. Nesta entrevista vão ser feitas perguntas relativas ao que faz feliz cada um dos membros da família,

Para participar neste estudo terá de assinar o destacável ao lado, onde afirma ter conhecimento dos objetivos e procedimentos do estudo.

Realça-se que todos os dados recolhidos manterão a confidencialidade individual de cada participante e serão somente utilizados para fins de investigação. Os dados individuais da entrevista **não** serão partilhados com escolas ou outras entidades.



Eu,, declaro que tive conhecimento dos objetivos e procedimentos do **Estudo Bem Estar Subjetivo: Um estudo transgeracional com crianças e famílias em situação de vulnerabilidade social**, através da leitura deste folheto, autorizo a participação do meu filho/a..... no estudo com realização de entrevista, bem como a gravação de voz e imagem.

Assinatura _____ Data _____

Tel.: _____ Email: _____

Anexo I – Consentimento informado – Adultos



ISCTE IUL
Instituto Universitário de Lisboa

Título: Bem Estar Subjetivo:
*Um estudo transegeracional
com crianças e famílias em
situação de vulnerabilidade
social*

Equipa:
Raquel Gonçalves
Doutora Joana Alexandre

Contatos:
Tel.: 917194378
E-mail:
Raquel_Alexandra_Goncalves@iscte.pt

ISCTE IUL
Instituto Universitário de Lisboa

Consentimento Informado

**Estudo sobre o conceito
de Bem-estar/ Felicidade**



Caro Participante!

Uma equipa do ISCTE-IUL, em colaboração com um projeto internacional está a realizar um estudo sobre o conceito bem-estar, em famílias com crianças entre os 8 e os 12 anos. Este estudo internacional tem como objetivo saber o que é o bem-estar para as crianças destas idades, o que as faz felizes, comprando diferentes países.

O estudo decorre no âmbito da dissertação de mestrado da mestranda Raquel Gonçalves, orientada pela professora doutora Joana Alexandre.



O que pretendemos é saber o que é a felicidade para si.

GOSTÁVAMOS DE CONTAR CONSIGO!

Em que consiste o estudo? O que tenho de fazer para

No estudo vão ser realizadas três entrevistas, uma à criança, uma ao pai/mãe e uma ao avô/avó. As investigadoras vão realizar as entrevistas em separado, a cada membro da família, onde será gravada a voz, e no caso das criança voz e imagem, de forma a permitir que as investigadoras prestem atenção às respostas e não necessitem de as escrever. Nesta entrevista vão ser feitas perguntas sobre o que faz feliz cada um dos membros da família.

Para participar neste estudo terá de assinar o destacável ao lado, onde afirma ter conhecimento dos objetivos e procedimentos do estudo.

Todos os dados recolhidos têm a confidencialidade individual de cada participante garantida e serão utilizados apenas para fins de investigação. Os dados individuais da entrevista **não** serão partilhados **com** nenhuma entidade. Se tiver alguma dúvida contacte



Eu,, declaro que tive conhecimento dos objetivos e procedimentos do **Estudo Bem Estar Subjetivo: Um estudo transgeracional com crianças e famílias em situação de vulnerabilidade social**, através da leitura deste folheto, confirmo a minha disponibilidade e interesse em participar, e autorizo a realização da entrevista, com gravação de voz.

Assinatura _____ Data _____

Tel.: _____ Email: _____